



ENTREVISTA

No cargo desde 1º de janeiro deste ano, o governador Ronaldo Caiado antecipa medidas ainda mais duras para reequilibrar receitas e despesas e anuncia "corte para valer" nos gastos estaduais

PERSPECTIVAS 2019

AINDA COM CAUTELA, INDÚSTRIA ESPERA CRESCER UM POUCO MAIS

CONTRIBUIÇÃO SINDICAL

SINDICATOS DA INDÚSTRIA MONTAM ESTRATÉGIAS PARA GERAR RECEITAS



ANO 67 / Nº 286 / FEVEREIRO 2019

Goiás Industrial

REVISTA DO SISTEMA FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE GOIÁS

SANDRO MABEL

"QUEREMOS LEVAR VOCÊS, ALUNOS, PARA A INDÚSTRIA"

**Mobilização
CONTRA A
AMEAÇA**

SISTEMA S, QUE INCLUI SESI E SENAI, REAGE À AMEAÇA DE CORTE DE RECURSOS ORIUNDOS DA INDÚSTRIA. PESQUISA IBOPE MOSTRA QUE MAIS DE 90% CONSIDERAM INSTITUIÇÕES ÓTIMAS OU BOAS EM SERVIÇOS ESSENCIAIS PARA O DESENVOLVIMENTO SOCIOECONÔMICO, COMO A QUALIFICAÇÃO DE MÃO DE OBRA

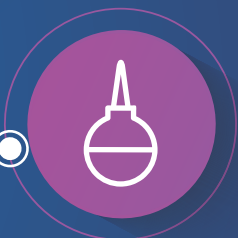
MENOS CUSTOS + FATURAMENTO PARA SUA EMPRESA

**CONHEÇA
NOSSAS SOLUÇÕES:**

**Soluções
sob medida
para sua
empresa**



ANÁLISES DE ALIMENTOS



**CONSULTORIA
EM SEGURANÇA
E PRODUTIVIDADE**



**PROGRAMA
DE CONTROLE
DE ALERGÊNICOS**



VIDA DE PRATELEIRA

O Instituto SENAI de Tecnologia tem a qualidade e a confiabilidade de que sua empresa precisa.

ACESSE

www.senaigo.com.br/institutos

Goiás Industrial

REVISTA DO SISTEMA FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE GOIÁS

Nº 286 / FEVEREIRO 2019

CONTRIBUIÇÃO SINDICAL

31 / Sindicatos da indústria movimentam-se desde o ano passado para incrementar a carteira de serviços prestados ao setor, ampliar sua base de associados e desenvolver novas fontes de receita

Comunicação Sem Fronteiras



EDUCAÇÃO

40 / A necessidade de retomar os estudos já na fase adulta amplia a demanda pela rede de ensino montada pelo Sesi Goiás para atender ao seu Programa de Educação de Jovens e Adultos (EJA)

FORNECEDORES

43 / O Programa de Desenvolvimento de Fornecedores (PDF) do IEL Goiás chega ao vigésimo ano com mais de 700 empresas fornecedoras certificadas em 30 municípios de regiões diversas do Estado e uma centena de empresas-âncoras beneficiadas.

MADE IN GOIÁS

47 / Fabricante de cosméticos com unidade no Polo Empresarial Goiás, em Aparecida de Goiânia, a Facinatus desenvolveu um esfoliante à base de sementes de goiaba com duplo ganho ambiental, ao reaproveitar resíduos da produção de sucos e doces e ao substituir polímeros normalmente utilizados na produção



Alex Malheiros



Mobilização CONTRA A AMEAÇA

CAPA

16 / Defesa do Sistema S, que inclui Sesi e Senai, ganha ampla mobilização na sociedade e respaldo de pesquisa Ibope. "Vamos tirar a faca das mãos dele", diz o presidente da Fieg, Sandro Mabel, ao reagir à ameaça do ministro da Economia, Paulo Guedes, que coloca em risco o bom funcionamento das instituições no ensino básico e na qualificação profissional.

OPINIÃO

5 / "Não recebemos dinheiro de governo, e sim da indústria, que nos paga e devemos devolver isso para nossos acionistas em forma de educação básica de qualidade e formação de mão de obra, inovação tecnológica, saúde e segurança no trabalho, melhorando a condição de produtividade e competitividade", afirma, no artigo **Enfrentar a ameaça de corte**, o presidente da Fieg, Sandro Mabel.

ENTREVISTA

10 / Em meio a uma agenda mais do que concorrida, o governador Ronaldo Caiado antecipa, em entrevista à **Goiás Industrial**, que deverá adotar medidas ainda mais duras para conseguir reequilibrar as contas do Estado, antecipando "um corte para valer nas despesas".



Alex Malheiros



Murilo Mattos

CRISE FISCAL

24 / Em busca de soluções para o grave problema fiscal do Estado, o governador Ronaldo Caiado atingiu, primeiro, os incentivos fiscais destinados às empresas, com destaque para a indústria. A medida tem provocado o adiamento das decisões de investimento e a paralisação de projetos já anunciados.

REGIÃO DA 44

36 / Se há uma região que desconhece o que é crise, ela está localizada no já famoso polo de modas da Região da 44, no Setor Norte Ferroviário, em Goiânia. São 13 mil lojas e 97 empreendimentos, incluindo shoppings e galerias comerciais, que movimentam algo como R\$ 7,0 bilhões por ano e geram demanda crescente por mão de obra qualificada, já no foco do Senai



SISTEMA FIEG

Federação das Indústrias do Estado de Goiás

Presidente: Sandro Mabel

SESI

Serviço Social da Indústria

Diretor Regional: Sandro Mabel
Superintendente: Paulo Vargas

SENAI

Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

Diretor Regional: Paulo Vargas

IEL

Instituto Euvaldo Lodi

Diretor: Hélio Naves
Superintendente: Humberto Oliveira

ICQ BRASIL

Instituto de Certificação Qualidade Brasil

Diretora: Sônia Rezende (interina)
Superintendente: Almir Blesio (interino)

DIRETORIA DA FIEG (2019-2022)

Presidente: Sandro Mabel

1º Vice Presidente:

André Luiz B. Lins Rocha

2º Vice Presidente: Flávio Santana Rassi

3º Vice Presidente:

Antônio de Sousa Almeida

1º Diretor Secretário:

Célio Eustáquio de Moura

2º Diretor Secretário:

Jerry Alexandre de Oliveira Paula

1º Diretor Financeiro:

Heribaldo Egídio da Silva

2º Diretor Financeiro: José Divino Arruda

Presidente da Fieg Regional Anápolis:

Wilson de Oliveira

Diretores

Alyson José Nogueira
Anastácios Apostolos Dagios
Bruno Franco Beraldi

Domingos Sávio Gomes de Oliveira

Edilson Borges de Sousa

Eduardo Bilemjian Filho

Eliton Rodrigues Fernandes

Elvis Roberson Pinto

Emílio Carlos Bittar

Enoque Pimentel do Nascimento

Gilberto Martins da Costa

Heitor de Oliveira Nato Neto

Hélio Naves

Jair José de Alcântara

Jair Rizzi

Jaques Jamil Silvério

Joaquim Guilherme Barbosa de Souza

José Antônio Vitti

José Luiz Martins Abuli

Laerte Simão

Leandro Luiz Stival Ferreira

Marcelo de Freitas Barbosa

Marcos André Rodrigues de Siqueira

Olavo Martins Barros

Otávio Lage de Siqueira Filho

Robson Peixoto Braga

Sérgio Scodro

Wilson de Oliveira

Conselho fiscal

Joaquim Guilherme Barbosa de Sousa

Roberto Elias Fernandes

Otávio Lage de Siqueira Filho

Conselho de representantes junto à CNI

Sandro Mabel

Paulo Afonso Ferreira

Conselho de Representantes junto à Fieg

Abílio Pereira Soares Júnior

Ailton Aires Mesquita

Alcides Augusto da Fonseca

Alexandre Baldy de Sant'anna Braga

Álvaro Otávio Dantas Maia

Alyson José Nogueira

Anastácios Apostolos Dagios

André Lavor Pagels Barbosa

André Luiz Baptista Lins Rocha

Antônio Alves de Deus

Antônio Benedito dos Santos

Bruno Franco Beraldi Coelho

Carlos Alberto Vieira Soares

Carlos Roberto Viana

Célio Eustáquio de Moura

Daniel Viana

Domingos Sávio G. de Oliveira

Edilson Borges de Sousa

Eduardo Bilemjian Filho

Eliton Rodrigues Fernandes

Elvis Roberson Pinto

Emílio Carlos Bittar

Enoque Pimentel do Nascimento

Eurípedes Felizardo Nunes

Fábio Rassi

Flávio Santana Rassi

Gilberto Martins da Costa

Heitor de Oliveira Nato Neto

Hélio Naves

Heribaldo Egídio

Ian Moreira Silva

Jaime Canedo

Jair José de Alcântara

Jair Rizzi

Jaques Jamil Silvério

Jerônimo David de Sousa

Jerry Alexandre de Oliveira Paula

João Essado

José Antônio Vitti

José Carlos Garrote de Sousa

José Divino Arruda

José Lima Aleixo

José Luiz Martin Abuli

José Nivaldo de Oliveira

Laerte Simão

Leopoldo Moreira Neto

Lúcio Monteiro dos Santos

Luiz Antônio Gonçalves Fidelis

Luiz Gonzaga de Almeida

Luzia de Cássia Alencar Siqueira

Marcelo de Freitas Barbosa

Marcelo José Carneiro

Marcos André R. de Siqueira

Marley Antônio Rocha

Olavo Martins Barros

Osnei Valadão Marques

Otávio Lage de Siqueira Filho

Paulo Lobo de Araújo Júnior

Pedro de Souza Cunha Júnior

Plínio Boechat Lopes

Robson Peixoto Braga

Rodolfo Luiz Xavier Virgílio

Sandro Mabel

Valdenício Rodrigues de Andrade

Wilson de Oliveira

CONSELHOS TEMÁTICOS

Conselho Temático de Desenvolvimento Tecnológico e Inovação

Presidente: Heribaldo Egídio

Conselho Temático de Meio Ambiente

Presidente: Bruno Beraldi

Conselho Temático de Infraestrutura

Presidente: Célio Eustáquio de Moura

Conselho Temático de Relações do Trabalho

Presidente: Eduardo Bilemjian Filho

Conselho Temático de Micro e Pequena Empresa

Presidente: Jaime Canedo

Conselho Temático de Responsabilidade Social

Presidente: Antônio de Sousa Almeida

Conselho Temático de Agronegócios

Presidente: Alfredo Luiz Correia

Conselho Temático de Comércio Exterior e Negócios Internacionais

Presidente: Emílio Bittar

Conselho Temático Fieg Jovem

Presidente: Thais Aparecida Santos

Câmara Setorial de Mineração

Presidente: Wilson Borges

Câmara Setorial da Indústria da Construção

Presidente: Sarkis Nabi Curi

Câmara Setorial de Alimentos e Bebidas (Casa)

Presidente: Sandro Mabel

Rede Metrológica

Presidente: Melquiades da Cunha Neto

Comitê da Indústria de Defesa e Segurança de Goiás (Comdefesa)

Presidente: Anastácios Apostolos Dagios

EXPEDIENTE

Goias Industrial
REVISTA DO SISTEMA FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE GOIÁS

Direção

José Eduardo de Andrade Neto

Coordenação de jornalismo

Sandra Persijn

Edição

Lauro Veiga Filho e Dehovan Lima

Reportagem

Andelaine Lima, Sérgio Lessa e Daniela Ribeiro

Colaboração

Nelson Anibal Lesme Orué

Tatiana Reis

Adriana Moreno

Fotografia

Alex Malheiros

Projeto gráfico

Jorge Del Bianco

Capa, ilustrações e diagramação

Jorge Del Bianco
DC Design Gráfico e Comunicação

Impressão

Gráfica Kelps

Departamento Comercial

(62) 3219-1720

Redação e correspondência

Av. Araguaia, nº 1.544, Ed. Albano Franco, Casa da Indústria - Vila Nova
CEP 74645-070 - Goiânia-GO
Fone (62) 3219-1300 - Fax (62) 3229-2975

Home page: www.sistemafieg.org.br

E-mail: ascom@sistemafieg.org.br

As opiniões contidas em artigos assinados são de responsabilidade de seus autores e não refletem necessariamente a opinião da revista



Enfrentar a ameaça de corte

“É o primeiro desafio será enfrentar a propalada intenção do governo federal de cortar - “meter a faca”, como ameaçou o ministro da Economia, Paulo Guedes -, os recursos que mantêm toda essa estrutura do Sistema S, o dinheiro que vem da indústria.”

SANDRO MABEL, presidente da Fieg

Em nossa estreia neste espaço de opinião da **Goiás Industrial**, como presidente da Fieg, dirigimo-nos, especialmente, aos nossos acionistas – os industriais. É assim que devem ser chamados aqueles que, com sua contribuição mensal, mantêm o Sistema Indústria em funcionamento. Essa complexa estrutura – formada por unidades de ensino e educação profissional do Sesi e Senai, pelos novos Institutos Senai de Tecnologia e unidades de atendimento do IEL – somente se movimenta graças aos empresários, que põem a mão no bolso todos os meses, confiantes no retorno desse investimento.

Não recebemos dinheiro de governo, e sim da indústria, que nos paga e devemos devolver isso para nossos acionistas em forma de educação básica de qualidade e formação de mão de obra, inovação tec-

nológica, saúde e segurança no trabalho, melhorando a condição de produtividade e competitividade. Para isso, queremos, em nossa gestão que se inicia, trabalhar muito principalmente no nível médio de ensino, em que vamos fazer toda a parte de educação formal e profissional, ensinando aos jovens uma profissão, dar condições para que eles possam se especializar, fazer um curso técnico.

Em todas as ações do Sistema Fieg, que realiza uma série de projetos e programas de interesse relevante para o setor industrial e para o Estado, pretendemos manter o que existe e tentar melhorar um pouco, caminhar um pouco mais à frente, guiados pela estratégia de Encantar para Avançar: encantar nossos acionistas, nossos professores, nossos alunos.

E o primeiro desafio será enfrentar a propalada intenção do governo federal de cortar – “meter a faca”, como ameaçou o ministro da Economia, Paulo Guedes –, os recursos que mantêm toda essa estrutura do Sistema S, o dinheiro que vem da indústria. Hoje um corte de 30% nas receitas do Sesi e Senai em Goiás traria consequências graves, como mostra ampla matéria nesta edição da **Goiás Industrial**. Estimativas preliminares apontam o fechamento de seis unidades das instituições, a eliminação de mais de 76 mil matrículas e demissão de cerca de 800 funcionários. A redução de receitas implicaria ainda em o Sesi não ter como aceitar mais de 40 mil participantes de ações educativas, não prestar atendimento e procedimentos médico, ocupacional e odontológico, vacinação

e exames complementares a mais de 100 mil pessoas, além de o Senai reduzir drasticamente a formação e qualificação profissional necessária à indústria goiana e de impedir que os profissionais se preparem para a inevitável 4ª revolução industrial (indústria 4.0).

A alegação do ministro Paulo Guedes, de “caixa-preta” do Sistema S, vai na contramão do compromisso com a transparência colocado em prática em Goiás pelo Sesi e Senai, que prestam contas à sociedade por meio de sites considerados referências pelo Tribunal de Contas da União (TCU) e pela Controladoria Geral da União (CGU), responsáveis pela fiscalização das instituições. Num clique nos sites www.sesi.org.br/transparência ou www.senai.br/transparência, qualquer cidadão pode acessar livremente informações detalhadas sobre a aplicação dos recursos das duas instituições, a exemplo de orçamentos, demonstrações contábeis, licitações e editais, contratos e convênios, gratuidade, integridade, dados de infraestrutura e de atendimento social.

Instituições privadas, administradas e mantidas pela indústria, por meio de contribuições recolhidas das empresas, Sesi e Senai são fiscalizados pelo Tribunal de Contas da União (TCU), Controladoria-Geral da União, auditorias independentes, Ministérios da Economia, da Educação e da Cidadania, além dos Conselhos Regionais e Nacionais das instituições, que contam com representantes dos trabalhadores. ♦

Fotos: Silvío Simões

Enel muda regras e causa impasse /

A Enel Distribuição Goiás divulgou, no final de janeiro, os novos procedimentos adotados para obras com fornecimento de materiais por terceiros, incluindo rotinas para cadastramento de produtos homologados pela companhia, registro de todos os funcionários e prestadores de serviços envolvidos na construção da rede que será interligada à distribuidora. As mudanças causam grande impacto principalmente para fabricantes de transformadores e construtoras que precisam da aprovação de projetos junto à empresa.

Entre as medidas, está o descredenciamento do Laboratório de Metrologia em Equipamentos de Conversão de Energia (Labmetro), da Universidade Federal de Goiás (UFG) para fazer as laudagens (parecer técnico) dos transformadores produzidos em Goiás. Com isso, a produção está paralisada, devido ao alto custo da operação para os ensaios e testes nos equipamentos em outro Estado. "A mudança cria ônus elevado, causando significativa perda de competitividade das indústrias de transformadores instaladas em Goiás. Tem de haver uma solução. O Estado não pode ser prejudicado dessa forma", afirma o presidente do Conselho Temático de Infraestrutura Coinfra-Fieg, Célio Eustáquio de Moura. Ele acrescenta que a distribuidora



● Célio Eustáquio, Orizomar Araújo Siqueira, Leandro Gondim e Wilson de Oliveira, na Enel: tentativa de reverter mudanças

possui recursos para investimentos em inovação, que podem ser utilizados para a adequação do laboratório à nova normativa.

Empresários presentes à reunião em que a Enel anunciou as novas regras foram unânimes em defender maior prazo para adequação, a exemplo da exigência de certificação da mão de obra em cursos reconhecidos pelo Ministério da Educação e Secretaria de Educação do Estado. A Fieg busca junto à Enel Nacional a análise e o acolhimento das sugestões apresentadas pelos empresários, sobretudo para garantir que as novas normas sejam exequíveis. (Tatiana Reis)



Trato e distrato / Os presidentes da Fieg, Sandro Mabel, e da Fecomércio, Marcelo Baiocchi, participam do Papo Legal, promovido pelo Sindicato dos Condomínios e Imobiliárias (Secovi/GO), ao lado do vice da entidade, Carlos da Costa, para tratar sobre as diretrizes da nova Lei do Distrato. A lei 13.786/18, sancionada em 27 de dezembro pelo ex-presidente Michel Temer, regula os direitos e deveres dos compradores e das empresas construtoras nos casos em que ocorra a rescisão do contrato de compra do imóvel, também chamada de distrato de imóveis.

Inovação na moda / O Senai Cetiqt inaugurou em dezembro, em sua Unidade Riachuelo, no Rio de Janeiro, o Fashion Lab (foto), um centro aberto e colaborativo para a realização de experimentos que utilizam tecnologias inovadoras destinadas à indústria da moda, e a Fábrica Modelo, uma planta lean de confecção, que serve como testbed (plataforma de testes) para empresas e representa uma rampa rumo à Indústria 4.0. Foi criado, no Fashion Lab, um Demo Center Stratasys, que irá receber a impressora 3D mais avançada fabricada pela empresa, a Stratasys J750, modelo full color multimateriais de tecnologia PolyJet. “A decisão de adquirir a impressora 3D Stratasys J750 parte da necessidade de introduzir e disseminar tecnologias disruptivas de maneira acessível e incremental aos processos de criação e desenvolvimento do setor em que atuamos”, afirma Fabian Diniz, gerente do Instituto Senai de Tecnologia. “Também pensamos em nortear a difusão e sistematização dos princípios e decisões estratégicas baseados nos conceitos da Indústria 4.0”, acrescenta.



● Detalhe do Fashion Lab, com o setor de prototipagem ao fundo

Aposta da indústria calçadista

Depois de enfrentar dificuldades em 2018, com queda nas vendas e um crescimento de 2,6%, o setor de varejo de calçados virou o ano otimista e, segundo projeções da Associação Brasileira de Lojistas de Artefatos e Calçados (Ablac), pode engatar uma evolução de 3% em 2019. Um dos mil expositores da Couromoda, a feira de calçados e artigos de couro mais importante da América Latina, mostrada no Bom Dia, Brasil, da Rede Globo, o empresário goiano Flávio Ferrari, igualmente tem uma visão positiva para o setor. Somente na 46ª edição do evento, realizada em janeiro, em São Paulo, o proprietário da Goyazes, indústria instalada no distrito industrial de Goianira, espera aumentar em 20% o número de vendas em relação ao ano passado. “Estou otimista e sinto muito orgulho de estar representando Goiás nesse evento”, diz Ferrari.



Alex Malheiros

Administradores / O empresário Sandro Mabel, seu antecessor na presidência da Fieg, Pedro Alves de Oliveira, e o superintendente do IEL Goiás, Humberto Oliveira, receberam, em dezembro, Certificado de Honra ao Mérito Legislativo, em sessão especial da Assembleia de Goiás, alusiva ao Dia do Administrador (9 de setembro), ao lado do deputado Virmondes Cruvinel, autor da proposta, e Samuel Albernaz.



● Sandro Mabel e Ronaldo Caiado, em reunião no Palácio das Esmeraldas: “Precisamos garantir energia de qualidade para produzir com competitividade e trazer riquezas para Goiás”

PARA NÃO FALTAR ENERGIA

Governo, Fieg e Enel discutem demanda do setor industrial, investimentos e parcerias para garantir atratividade de Goiás para novos empreendimentos

Tatiana Reis

Foto: Hegan Correia

Em meio ao aumento do consumo de energia elétrica e reclamações de interrupção de fornecimento em períodos de pico, a questão dos investimentos na distribuição foi, no final de janeiro, tema de reunião no Palácio das Esmeraldas, com participação do governador Ronaldo Caiado e dos presidentes da Enel Distribuição Goiás, Abel Rochinha, e da Fieg, Sandro Mabel. A preocupação é atender à demanda energética das indús-

trias goianas e garantir a atratividade do Estado para a instalação de novas plantas.

Segundo Abel Rochinha, a Enel Distribuição Goiás fez, nos dois últimos anos, investimentos na casa de R\$ 1,5 bilhão na ampliação e manutenção da rede no Estado. “Os recursos investidos foram muito acima do que era feito anteriormente e, em 2019, devem seguir o mesmo volume do aplicado no ano passado, na casa dos R\$ 750 milhões”, disse. Na avaliação de

Rochinha, a reunião foi extremamente proveitosa e claramente o governador tem uma aposta similar à da Enel de crescimento do Estado. “Nós demonstramos que temos todas as condições de suprir a energia de que Goiás precisa para crescer. Temos recursos, tecnologia e conhecimento”, garantiu.

Sandro Mabel ressaltou a preocupação da Fieg quanto à retomada do crescimento do País e de Goiás e que, para tanto, é fundamental a disponibilidade de energia. Ele comentou sobre os esforços do governo de Goiás e da Enel para a ampliação da infraestrutura e destacou a cooperação da Federação das Indústrias para o debate.

“Tanto o Estado quanto a Enel têm a preocupação de trazer novas indústrias para Goiás. Queremos colaborar com esse entrosamento para que a Enel tenha segurança em ampliar os investimentos”, disse Sandro Mabel. Ele ressaltou ainda que a Enel também é indústria, sendo associada à Federação, além de ser a fonte propulsora para as demais indústrias goianas funcionarem. “Nosso objetivo é fazer de Goiás uma potência na área da indústria, tanto no beneficiamento de grãos, nosso ouro, quanto em outras áreas, seja de alimentos, calçadista ou moda. Para isso, precisamos garantir energia de qualidade para produzir com competitividade e trazer riquezas para Goiás”, frisou.

A reunião no Palácio das Esmeraldas foi acompanhada também pelos representantes da Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) Caio José de Oliveira e Rodrigo Santana e pelos diretores de Relações Institucionais da Enel, Humberto Eustáquio (Goiás) e José Nunes (Brasil). ♦

ECONOMIZAR ÁGUA SE APRENDE NA ESCOLA

Campanha do Sesi mobiliza alunos, professores e familiares; redução na conta de água chega a até 70%

Daniela Ribeiro

Fotos: Alex Malheiros

Reducir o tempo do banho, reaproveitar para diversos outros fins a água usada na lavagem de roupas, fechar a torneira durante a escovação dos dentes. Com atitudes simples e conhecidas como essas, a família da estudante do Sesi Planalto Maria Eduarda Sousa, de 12 anos, conseguiu, em sete meses, redução de cerca de 70% do valor da conta da casa em que mora, em Aparecida de Goiânia. Ela foi a campeã do concurso Água na Medida Certa, iniciativa lançada pelo Sesi Goiás em junho de 2018 e destinada a sensibilizar pais, alunos e comunidade escolar sobre o uso consciente dos recursos hídricos, especialmente diante da escassez que, no ano passado, atingiu o Estado e várias regiões do Brasil.

Além de Maria Eduarda, premiada com uma bolsa de estudos de seis meses, oito estudantes de unidades do Sesi que apresentaram o maior recuo no valor da fatura mensal de água foram igualmente contemplados e outros dois projetos receberam aparelhos celulares por apresentarem ideias inovadoras para a preservação dos recursos hídricos nas indústrias e nas cidades.

Maria Eduarda conta que, ao saber da campanha na escola, percebeu que era uma chance de ajudar os pais. “Eu acom-

panho o esforço que eles fazem para pagar as mensalidades e resolvi participar”, diz. Antes, a menina demorava mais de 30 minutos no banho e nem percebia. “Minha mãe brigava, eu achava que ela estava sendo chata e foi na escola que aprendi que não. São lições que irei carregar para a vida, pois me tornei mais consciente”, ressalta.

As mudanças adotadas viraram rotina na família. Os pais e a irmã de Maria Eduarda, Laíza Sousa, de 17 anos, foram envolvidos na campanha e o resultado logo apareceu. “Elas diminuíram o tempo de banho. Usavam a água dos cachorros para regar as plantas. Hoje, existe uma competição entre elas para ver quem gasta menos ao lavar as louças”, conta a mãe, Vilquenía da Silva Sousa. Ela lembra que, em alguns meses da ação, a conta chegou a ter apenas a cobrança da tarifa mínima. Ela considera importante a realização de ações como essa nas escolas. “Quem mais gastam são elas. Acredito que ajuda muito elas serem atingidas por esse tipo de iniciativa. Agora, elas sabem quanto custa.”

CONSCIENTIZAÇÃO COMEÇA NA ESCOLA

Para o gerente de Educação Ambiental e Sustentabilidade da Saneago, estatal goiana de saneamento, Divino Lázaro de Souza, é fundamental que as escolas participem



● **Maria Eduarda, aluna do Sesi Planalto, Laíza e Vilquenía: “São lições que irei carregar para a vida”**

no processo de conscientização sobre o atual cenário de escassez hídrica que virou uma realidade no País. “A formação do cidadão depende de ações e iniciativas compartilhadas entre o lar, onde as crianças recebem um aprendizado inicial baseado no ambiente em que vivem, e a escola, onde complementam e sedimentam seus conhecimentos.”

Ele afirma, que a partir da percepção e da compreensão da realidade atual e, principalmente, do cenário futuro, o jovem é capaz de entender que nossos atos, nossa forma de lidar com o meio ambiente hoje irão impactar a disponibilidade de recursos que teremos disponíveis no futuro. Segundo ele, a campanha Água na Medida Certa demonstra como a mudança de pequenos hábitos pode fazer uma grande diferença. “Essa diferença já foi extremamente relevante em 2018. Afinal, não tivemos problemas de desabastecimento no último ano, muito em função das campanhas realizadas e da conscientização das pessoas”, observa. ♦

APERTO dentro de casa

Lauro Veiga Filho

Fotos: Alex Malheiros

O programa de ajuste fiscal do governo empossado no dia 1º de janeiro deste ano exigirá medidas complementares e mais duras do que aquelas que já haviam sido antecipadas no final de 2018, especialmente se o governo conseguir a inclusão de Goiás no Regime de Recuperação Fiscal (RRF), providência antecipada pelo governador Ronaldo Caiado em entrevista à **Goiás Industrial** como um dos passos na busca do reequilíbrio fiscal. Ele antecipou ainda “um corte para valer nas despesas do Estado”, incluindo a redução da folha de pagamento.

Nos termos da Lei Complementar 159/2017, o regime foi criado para atender Estados com “grave desequilíbrio financeiro”, estabelecendo instrumentos para favorecer o ajuste em suas contas. Para o enquadramento do Estado no RRF, a receita corrente líquida anual do Estado deverá ser menor do que a dívida consolidada ao final do exercício fiscal anterior à solicitação, que não parece ser o caso goiano; as despesas com pessoal, juros e amortizações, somadas, deverão ser iguais ou superiores 70% da receita líquida; e o total das obrigações deverá ser maior do que as disponibilidades de caixa.

Conforme a legislação, será preciso atender necessariamente às três condições para conseguir a inclusão no RRF. Até o final do ano passado, apenas o Rio Grande do Sul havia conseguido enquadramento. Como alternativa, Caiado espera que o Estado venha a ser autorizado a contratar novas operações de crédito, com o aval da União, para sair da situação de crise fiscal.

Caiado comentou ainda o livro de sua autoria, *O Colapso da República*, lançado no dia 18 de dezembro na Casa da Indústria, relatando sua trajetória e as experiências vividas nos últimos quatro anos no Senado Federal e sugeriu, ainda em tom de campanha, a criação de uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) para investigar a paralisação, segundo ele, de mais de 400 obras no Estado. A entrevista, na verdade, foi concedida em duas etapas, a primeira, incluindo outros órgãos de imprensa, durante o lançamento do livro, e a segunda, exclusiva, ao final da solenidade de posse do novo presidente da Fieg, Sandro Mabel, um dia depois.

**“MEU COMPROMISSO É
TER UM GOVERNO QUE SEJA
TRANSPARENTE. NÃO VOU
PRATICAR NENHUMA ‘PEDALADA’.
NÃO TENHO INTERESSE EM
FAZER QUE UM PROJETO DE
GOVERNO SEJA UM PROJETO
DE PODER E MUITO MENOS UM
PROJETO PARTIDÁRIO.”**



● Ronaldo Caiado, durante lançamento de livro de sua autoria, na Casa da Indústria, ao lado de Pedro Alves e Sandro Mabel

Goiás Industrial - Por que o sr. decidiu lançar o livro *O Colapso da República* ainda no final do ano passado?

Ronaldo Caiado - Ao concluir meu mandato de senador da República e assumir desde 1º de janeiro o mandato de governador do Estado, fiz questão de fazer um relato de um momento importante que realmente viveram o País e o Congresso Nacional, especialmente o Senado, que foi o fator determinante não apenas no momento do impeachment (da então presidente Dilma Rousseff) como também no período seguinte, durante o governo do presidente Michel Temer, e em todos os momentos mais conflituosos e mais preocupantes da nação, com o desemprego, com a falta de apoios políticos, com o cidadão desencantado com a política. Foi um momento em que defino como sendo o colapso da República, de dificuldade para termos celeridade nas ações para podermos coibir todas essas situações de intranquilidade que estávamos vivendo. É um relato vivo, descrevendo exatamente o momento que vivemos nesses quatro anos. E digo mais, talvez eu seja um dos poucos políticos que conviveu com dois impeachments, o de 1992 e o de 2015, primeiro na Câmara de Deputados e o segundo no Senado Federal. Então, acho que vai servir amanhã para as pesquisas de muitos, com os fatos descritos, meus discursos no Senado e os artigos que publiquei na Folha de S.Paulo.

Goiás Industrial - O sr. acompanhou os dois impeachments e foi protagonista neste último como um dos líderes da oposição no Senado. Como foi essa experiência?

Ronaldo Caiado - Foi um momento ímpar na política nacional e para nós, igualmente, um momento em que participamos de forma ativa dentro de uma comissão que buscava ali ouvir todos os depoimentos para que pudéssemos chegar a uma conclusão, debater, poder explicar o momento delicado que estávamos vivendo e motivar o cidadão a não se desiludir da política e nem do sistema presidencialista, que é um sistema infelizmente lento para poder decidir quando temos aí sérias crises como a que tivemos no período Collor e agora no período da ex-presidente Dilma.

Goiás Industrial - O sr. iniciou em 1º de janeiro uma etapa nova em sua carreira política ao assumir o comando do



“TENHO ME DEDICADO QUASE EM TEMPO INTEGRAL A AVALIAR, A DIAGNOSTICAR, A VER A EXTENSÃO E A GRAVIDADE DO QUADRO FISCAL DO ESTADO DE GOIÁS E TENHO TOMADO AS PROVIDÊNCIAS. SÓ COM A FOLHA FICOU UM ATRASO DE MAIS DE R\$ 1,70 BILHÃO.”

de desempregados no Brasil.

Goiás Industrial - Com relação ao “colapso de Goiás”, o que o sr. tem a dizer?

Ronaldo Caiado - Isso aí será um segundo livro que vou redigir no final do meu mandato. É melhor que eu comece logo uma CPI (Comissão Parlamentar de Inquérito) das obras inacabadas em Goiás, que devem chegar a mais de 400.

Goiás Industrial - Depois de ter analisado todos os dados do governo anterior durante o período de transição, qual foi o diagnóstico que sua equipe traçou? Quais os principais problemas e como o sr. pretende enfrentá-los?

Ronaldo Caiado - Esse assunto vem sendo tratado desde a minha eleição em primeiro turno. Tenho me dedicado quase em tempo integral a avaliar, a diagnosticar, a ver a extensão e a gravidade do quadro fiscal do Estado de Goiás e tenho tomado as providências. Só com a folha ficou um atraso de mais de R\$ 1,70 bilhão, que foi a metade do mês de novembro e todo o mês de dezembro. Vou ter pela frente toda a dívida das OS (organizações sociais que respondem pela gestão de unidades de saúde no Estado), dez meses de atraso nos pagamentos da Bolsa Universitária, demais convênios e empenhos cancelados, mas que são empenhos de obras já feitas e que foram repassadas à responsabilidade do Estado. Diante desse quadro, temos debatido

Executivo estadual. Como o sr. espera estar protegido dos erros que levaram à crise enfrentada pelo País?

Ronaldo Caiado - Espero estar protegido, primeiro, porque não vou cometer erros como esses que foram cometidos (referindo-se às chamadas “pedaladas fiscais”, excesso de desonerações e outras medidas tomadas no período da presidência de Dilma Rousseff). Meu compromisso é ter um governo que seja transparente. Não vou praticar nenhuma “pedalada”. Não tenho interesse em fazer que um projeto de governo seja um projeto de poder e muito menos um projeto partidário. Então, o que está registrado em meu livro é um relato de tudo o que foi uma verdadeira traição àqueles eleitores que acreditavam na moralidade, na transparência, na melhoria da qualidade de vida do cidadão mais simples, no fim do desemprego. Finalizamos o período do impeachment com mais de 13,0 milhões

o assunto com intensidade com a Secretaria do Tesouro Nacional, com o Ministério da Economia, buscando alternativas. Já que Goiás não tem mais condições de receber o aval da União na contratação de operações de crédito, isso nos impede o acesso a qualquer dinheiro novo para iniciarmos janeiro. A ponderação que tenho feito junto ao ministro da Economia, Paulo Guedes, é termos uma alternativa para podermos renegociar nossas dívidas e, com isso, assumir o compromisso com o governo no sentido de quitarmos essas dívidas. Não vamos fazer como em acordos anteriores, como o que foi feito em 2016, que não está sendo cumprido, porque o governo anterior extrapolou os gastos com a folha de pagamento, ou seja, os 60% da receita líquida como imposto pela Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF) e, como tal, todos os acordos caíram por terra e todas aquelas negociações foram realmente negadas a partir do descumprimento da LRF. São vários problemas colocados e a cada dia, durante a transição, nos deparávamos com situações ainda mais delicadas e com isso temos buscado soluções com intensidade. Tivemos, em dezembro, reuniões com vários governadores. Ainda em dezembro, a secretária da Economia, Cristiane Alkmin Junqueira Schmidt, que assumiu as pastas da Fazenda e do Planejamento, reuniu-se com a STN aprofundando os dados, conversando longamente com o secretário do Tesouro Nacional, Mansueto Almeida, para buscarmos uma condição de Goiás sair dessa situação de inadimplência e poder buscar alguma outra linha de crédito e ter pelo menos alguma outra perspectiva se não essa que estamos vivendo hoje, diante de um processo que foi claramente um projeto de poder que caminhou para o lado da campanha eleitoral ao invés de pensar na situação do povo goiano.

Goiás Industrial - Qual a possibilidade de um acordo e que termos esse acordo seria feito com o governo federal?

Ronaldo Caiado – Só existe um, que é exatamente o Regime de Recuperação Fiscal (RRF) e estamos realmente tentando buscar as condições para sermos incluídos nele. Isso já existe, é lei e já existem as regras. A partir do dia 7 de janeiro, tanto a Secretaria do Tesouro Nacional quanto a Previdência e o Ministério da Economia vão mandar a primeira missão para Goiânia para levantar esses dados em detalhe e avaliar as contas do Estado.



“**A PONDERAÇÃO QUE TENHO FEITO JUNTO AO MINISTRO DA ECONOMIA, PAULO GUEDES, É TERMOS UMA ALTERNATIVA PARA PODERMOS RENEGOCIAR NOSSAS DÍVIDAS E, COM ISSO, ASSUMIR O COMPROMISSO COM O GOVERNO NO SENTIDO DE QUITARMOS ESSAS DÍVIDAS.**”

Goiás Industrial - Uma das medidas já tomadas resultou no corte de incentivos e aumento da alíquota do Protege, o que desagradou parte dos empresários. Qual avaliação que o sr. faz desses cortes e sobre a relação com o setor privado?

Ronaldo Caiado – Acho que quando um governante assume, sua responsabilidade é exatamente poder ter total transparência, que é meu compromisso, um governo com transparência. Não posso ficar maquiando orçamento. Não posso ter previsão de um superávit de R\$ 900,0 milhões e encerrar o ano com R\$ 3,6 bilhões negativos, com previsão de fechar o orçamento no exercício de 2019 com R\$ 7,4 bilhões negativos.

Goiás Industrial - Essa é a perspectiva para este ano?

Ronaldo Caiado – Não é perspectiva. São os dados reais que estou passando ao senhor. Então, acho que temos de ter a honestidade de princípio de chegar e dizer claramente a realidade que estamos vivendo. Então se há uma classe que pode nesse momento e pôde nos auxiliar foi exatamente o empresariado, com essa arrecadação a mais de R\$ 1,0 bilhão. Ora, a pergunta que os empresários formularam foi: ficará apenas nas nossas costas? Não, até porque isso é um sétimo da dívida do Estado de Goiás. Estou dizendo que vou também fazer um corte para valer nas despesas do Estado e vou mostrar isso a partir de 1º de janeiro. Então vou fazer

também a contrapartida do Estado, que vai saber conter suas despesas e vai saber diminuir a folha de pagamento. Com isso, vamos ver se sustentamos o pagamento dos servidores, mais os encargos de uma dívida consolidada que ultrapassa R\$ 20,0 bilhões e um déficit previdenciário de R\$ 200,0 milhões mensais, sacados do Tesouro. Diante desse quadro, você há de convir que todos nós temos de contribuir para podermos sair da crise, porque não é correto que o Estado conceda uma isenção (fiscal) e que essa isenção não possa ser minimizada, diminuída durante um ano. Semelhante a situações anteriores, que eu não quis copiar. Numa situação anterior, os empresários, ao invés de terem por parte do ex-governador uma posição clara de uma renegociação e de uma diminuição dos incentivos, repassaram ao governo estadual uma antecipação do Imposto sobre a Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) de quase R\$ 500,0 milhões e nunca receberam, porque no momento em que o ex-governador acordou o retorno ►

desse recursos, ele baixou um decreto e sustou o pagamento. Então, lhe pergunto: não é melhor fazer como estou fazendo, de uma maneira clara, transparente, do que realmente eu fazer uma promessa e depois não a cumprir? Acho que são modelos e cada um tem seu estilo e o meu será de total transparência, de coragem e, lógico, também de assumir posições que não são simpáticas, mas que são necessárias.

Goiás Industrial - Essas medidas serão suficientes?

Ronaldo Caiado – Pelo menos é um sinal. Não diria para você que serão suficientes diante da previsão de um déficit orçamentário de R\$ 7,4 bilhões. É um sinal claro que estamos dando ao governo federal e à STN que tanto as concessões como as isenções com os maiores percentuais no Brasil pelo menos tiveram uma redução para auxiliar o governo do Estado na crise. Nós promoveremos cortes na máquina pública, no que será o segundo passo do governo. E o terceiro passo que nós aguardamos é que de parte do governo federal tenhamos reciprocidade e reconhecimento para que possamos, aí sim, ser incluídos no regime de recuperação fiscal ou nos seja dada a condição de aval da União para a contratação de novos créditos para o Estado para sairmos desse quadro que relatei. ♦

“**TEMOS DE TER A HONESTIDADE DE PRINCÍPIO DE CHEGAR E DIZER CLARAMENTE A REALIDADE QUE ESTAMOS VIVENDO. ENTÃO SE HÁ UMA CLASSE QUE PODE NESTE MOMENTO E PÔDE NOS AUXILIAR FOI EXATAMENTE O EMPRESARIADO, COM ESSA ARRECADAÇÃO A MAIS DE R\$1,0 BILHÃO.”**



**CURSOS
2019**

*Conheça o calendário de cursos
de SAFRAS & Mercado:*

Comercialização de Milho de Soja ■

Trading School Milho e Soja ■

Gestão Estratégica na Comercialização Café ■

Análise Fundamental e Mercadológica de Algodão ■

Gestão Estratégica na Comercialização de Arroz ■

inscreva-se!

☎ (51) 3290-9200

☎ (51) 99448-0281

✉ educacional@safras.com.br

safras
&mercado
EDUCACIONAL

www.safras.com.br



Olha a faca!

“A facada anunciada pelo futuro ministro da economia, Paulo Guedes, nos recursos do sistema S (SESI, SENAI, SESC, SENAC, SEBRAE, entre outros) coloca na antessala da UTI, padrão saúde pública, instituições que, perto de completar 80 anos de existência, têm legado de eficiência e serviços de qualidade na educação básica, preparação de mão de obra, assistência técnica, inovação tecnológica, saúde e segurança do trabalho.”

DEHOVAN LIMA É JORNALISTA, editor de Publicações do Sistema Fieg

O Posto Ipiranga mal instalou todas suas bombas, mas já se pode antever que funcionará como uma verdadeira loja de conveniência, onde se vende tudo – de cerveja quente e cara (como bem sabem os notívagos) a Engov, camisinha e fast-food, aí incluso o licen-

ciamento ambiental automático para o agronegócio. Lá, no Posto Ipiranga, tem também faca amolada, arma branca que o futuro governo Bolsonaro adicionou ao seu arsenal bélico e que pode ter efeito deletério, letal, dependendo do órgão que atingir.

A “facada” anunciada pelo futuro ministro da Economia, Paulo Guedes, nos recursos do Sistema S (Sesi, Senai, Sesc, Senac, Sebrae, entre outros) coloca na antessala da UTI, padrão saúde pública, instituições que, perto de completar 80 anos de existência, têm legado de eficiência e serviços de qualidade na educação básica, preparação de mão de obra, assistência técnica, inovação tecnológica, saúde e segurança do trabalho.

O Sistema S sentiu o golpe, desferido ironicamente em almoço de confraternização ao qual ele era convidado especial, na Firjan (Federação das Indústrias do Rio de Janeiro), uma das entidades patronais que administram os diversos serviços país afora. Com um corte entre 30% e 50%, o impacto seria devastador, segundo estimam as instituições, comprometendo programas de educação técnica e serviços de saúde prestados à população e que beneficiam, principalmente, jovens e trabalhadores de baixa renda.

Tal qual ocorreu no caso do fim da parceria com os cubanos do Mais Médicos, o futuro governo não apresentou plano para substituir os serviços das entidades

para a população, como alternativa aos prováveis cortes orçamentários do Sistema S. Paradoxalmente, hoje a falta de mão de obra qualificada já constitui gargalo para o crescimento da indústria. A facada, então, pode agravar a situação.

“Vamos tirar a faca das mãos dele”, promete o futuro presidente da Fieg, Sandro Mabel, que não achou graça na declaração de Paulo Guedes, como reagiram – talvez por educação ou pegos de surpresa – os industriais que almoçaram com o homem forte de Bolsonaro. “Aqui não íamos rir. Cortar 50% representa botar 4 milhões de alunos na rua, deixar de fazer mais de 3 milhões de matrículas em cursos profissionalizantes e 180 mil professores desempregados. O Sistema S é o sistema que mais treina no País. As indústrias não terão sua mão de obra qualificada. Ou seja, é um retrocesso e um pensamento de quem não conhece o sistema. Nós vamos mostrar isso para ele.”

Não é a primeira vez que surgem iniciativas capazes de prejudicar o Sistema S. Lembro de vitória na Constituinte, em 1987, quando foi rechaçada proposta (passe!) de estatização. Oportuna avaliação feita certa vez pelo economista Cláudio de Moura Castro: “O Senai está gagá? Ou são seus críticos?”

** Artigo publicado no jornal O Popular, edição de 29/12/2018*

DEFESA DO SISTEMA S MARCA POSSE

Solenidade de transição da diretoria da Fieg tem forte demonstração de apoio às instituições do sistema e críticas à proposta de cortes de recursos

Ameaça de cortes de 30% a 50% no orçamento do Sistema S, que engloba Sesi, Senai, Sebrae, Sesc, Senac, Senar e Senat, entre outras instituições, feita pelo agora ministro da Economia, Paulo Guedes, no final do ano passado e reiterada em janeiro deste ano, provocou fortes reações durante a posse da nova diretoria da Fieg, comandada desde o começo do ano pelo empresário Sandro Mabel, em substituição a Pedro Alves de Oliveira, que presidiu a federação por dois mandatos consecutivos entre 2011 e 2018.

Em entrevista concedida pouco antes de assumir oficialmente a presidência da federação, em cerimônia realizada em dezembro no Teatro Sesi, Sandro Mabel rebateu as declarações de Guedes, que havia na mesma data ameaçado dar “uma facada no Sistema S”, como parte das medidas de arrocho fiscal antecipado pelo próprio ministro. “Vamos tirar a faca das mãos dele”, declarou Mabel. Segundo o novo presi-

dente da Fieg, “cortar 50% (dos recursos do sistema) representa botar 4 milhões de alunos na rua, deixar de fazer mais de 3 milhões de matrículas em cursos profissionalizantes e 180 mil professores desempregados. O Sistema S é o sistema que mais treina no País. As indústrias não terão sua mão de obra qualificada. Ou seja, é um retrocesso e um pensamento de quem não conhece o sistema. Nós vamos mostrar isso para ele”, afirmou ainda.

No discurso de posse, Mabel retomou o tema, afirmando que era chegada “a hora de partir da cautela para a ousadia”, reafirmando seu propósito de uma “mudança estrutural” na federação, com reforço para as áreas de ensino, formação e qualificação de mão de obra. “O objetivo é encantar o nosso acionista, que é o industrial, e preparar profissionais apaixonados pela indústria.”

Ex-deputado federal, Sandro Mabel conclamou parlamentares de Goiás e de outros Estados presentes à sua posse a unir-se em defesa do Sistema S, entre eles os senadores Wilder Morais, Luiz Carlos do Carmo, Vanderlan Cardoso, Laurinho Menezes (SE) e Eduardo Gomes (TO), deputados federais Francisco Jr., Glaustin da

● **Sandro Mabel:** “Cortar 50% (dos recursos do sistema) representa botar 4 milhões de alunos na rua, deixar de fazer mais de 3 milhões de matrículas em cursos profissionalizantes e 180 mil professores desempregados”



Fokus, Carlos Gaguim (TO), deputados estaduais Coronel Adailton, Rafael Gouveia e Delegado Eduardo Prado, e o presidente da Câmara de Goiânia, Andrey Azeredo.

“Ao fomentar a educação, a saúde, a cultura e o lazer, as instituições do Sistema Fieg proporcionam um benefício incalculável aos milhares de trabalhadores das indústrias e seus familiares porque asseguramos a cidadania”, disse, por sua vez, Pedro Alves de Oliveira, observando que 80% dos alunos do Sesi e Senai saem empregados dos cursos de que participam. O governador Ronaldo Caiado reiterou disposição de sua gestão de fazer convênios “com todo o Sistema S, por reconhecer a qualidade da preparação de mão de obra desenvolvida”, lembrando que a estratégia integra o programa de governo dele. Segundo o governador, a reforma do ensino médio criou a oportunidade para promover a formação técnica, o que deverá, em sua avaliação, contribuir para conter a evasão escolar e ainda favorecer a profissionalização dos trabalhadores.



Fotos: Alex Malheiros



● **Mérito Industrial:** Temer recebe comenda de Pedro Alves e Sandro Mabel e elogia o atual e o ex-presidente da Fieg

HOMENAGEM AO EX-PRESIDENTE

O então presidente Michel Temer, homenageado durante a posse com a comenda Mérito Industrial – maior honraria da entidade –, destacou o trabalho da gestão do presidente Pedro Alves de Oliveira e elogiou a atuação de Sandro Mabel como auxiliar de seu governo, no diálogo com o Congresso. “O Pedro fez excepcional trabalho em Goiás, do que sou testemunha em função dos encontros que mantivemos durante nossa gestão”. A gestão de Pedro Alves à frente da Fieg foi também destacada pelo governador José Eliton.

Além das autoridades que discursaram, o evento foi prestigiado pelo presidente da Confederação Nacional da Indústria, Robson Braga de Andrade, pelo prefeito de Goiânia, Iris Rezende, pelos até ali ministros das Cidades e da Secretaria Geral da Presidência da República, Alexandre Baldy e Ronaldo Fonseca; além de empresários e líderes classistas de Goiás e de outros Estados.

AGRADECIMENTO E DESPEDIDA

A solenidade também teve o tom de agradecimento e despedida do ex-presidente Pedro Alves de Oliveira, que encerrou um ciclo de oito anos na gestão da Fieg em 31 de dezembro passado. Nitidamente emocionado, Pedro Alves agradeceu à família, aos membros da diretoria



● **Pedro Alves de Oliveira:** “Saúdo cada membro da nova gestão e coloco-me como um soldado pronto a ajudar sempre que convocado. Saio da presidência da Fieg, mas a Fieg jamais sairá de mim”

da instituição e aos colaboradores do Sistema Indústria em Goiás. Em seu discurso, desejou sucesso à nova diretoria da Fieg, enfatizando a competência e capacidade de articulação do novo presidente Sandro Mabel, e reafirmou o seu apoio às causas do setor produtivo. “Saúdo cada membro da nova gestão e coloco-me como um soldado pronto a ajudar sempre que convocado. Saio da presidência da Fieg, mas a Fieg jamais sairá de mim”, disse. ♦

QUEM É QUEM: Confira relação completa da nova diretoria da Fieg na página 4

ALIADOS DO PODER PÚBLICO

“Não é justo que recursos de natureza privada, cuja destinação contribui para superar desafios em educação, qualificação e desenvolvimento ao País, sejam reduzidos ou desviados para cobrir déficits ou lacunas, frutos da má gestão dos recursos públicos, pois milhares de alunos seriam prejudicados”, completou o vice-presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI), Paulo Afonso Ferreira.

Presidente da Federação da Agricultura do Estado de Goiás (Faeg) e deputado federal, José Mário Schreiner lembrou que não é a primeira vez que se discute “facada” no Sistema S, que ele considera hoje o maior aliado do poder público, pois tem ocupado muitas lacunas que deveriam ser obrigação do próprio Estado. “Muitos brasileiros, desde um simples trabalhador rural a um grande empresário do setor industrial, são beneficiados com os seus programas e ações. Onde o sistema S tem passado, há no seu rastro, através dos serviços oferecidos, seu reconhecimento, promovendo a transformação na vida de todo o público envolvido.”

CORTAR RECURSOS DO SESI E SENAI

"É pra acabá com os piqui de Goiás"



Campanha em defesa do Sistema S ganha corpo em todo o País. Proposta em estudos pelo governo federal causa indignação por ameaçar serviços considerados essenciais ao desenvolvimento socioeconômico

Dehovan Lima // Portal da Indústria

Fotos: Alex Malheiros

A intenção do governo federal de cortar recursos do Sistema S, anunciada no fim do ano passado pelo ministro da Economia, Paulo Guedes, é "pra acabá com os piqui de Goiás", como dizem assim,

literalmente, os goianos. O bordão expressa indignação diante de algo ou alguma medida prejudicial, a exemplo da reação de lideranças das pioneiras instituições do Sistema Fieg e do setor produtivo em Goiás contra a proposta em estudos, de redução de 30% a 50% dos recursos destinados a Senai, Sesi, Senac, Sesc, Sebrae, Senar, SESCOOP, Senat e Sest. Artigos e cartas de leitores publicados em jornais engrossam a defesa dos serviços, considerados de grande relevância para o desenvolvimento econômico e social.

"O Senai abre as portas do competitivo mercado de trabalho porque tem um corpo docente de alto nível e laboratórios muito bem equipados. Isso contribuiu para executar bem minhas funções na empresa."

ISMAEL CARLOS RODRIGUES, ex-aluno do curso técnico em química industrial do Senai Itumbiara e um dos primeiros funcionários contratados este ano pela fábrica da CanPack



Recursos privados

Ainda em dezembro, por meio de nota oficial, a Federação das Indústrias do Estado de Goiás (Fieg) reafirmou sua preocupação diante das propostas de enxugamento do orçamento do Sistema S e, sobretudo, estranhou as colocações do ministro da Economia, Paulo Guedes, sobre o assunto. “Nosso espanto é ainda maior diante do desconhecimento que Guedes demonstra ao falar do trabalho que é desenvolvido pelas instituições que compõem o Sistema S no Brasil, bem como a falta de visão diante da importância social, econômica e de fomento ao empreendedorismo que tais entidades representam em todas as regiões brasileiras”, assinala a nota, assinada pelo ainda presidente da Fieg, Pedro Alves de Oliveira.

A federação considera “fundamental” deixar claro que “os recursos compulsórios destinados ao Sistema S são de natureza privada, conforme entendimento já consolidado pelo Supremo Tribunal Federal, previstos na Constituição brasileira, e destinados prioritariamente à Educação, Cultura, Saúde e Segurança do Trabalho, no caso do Sesi, e à formação profissional, transferência de tecnologia e assessoria e assistência técnica às indústrias, no Senai”. Além de tudo, prossegue a nota, as receitas do sistema “têm prestação de contas auditadas e fiscalizadas por organismos de controle interno e externo, pelo Tribunal de Contas da União (TCU) e pelos ministérios do Trabalho e da Educação”, e estão abertas à consulta pública no Portal da Transparência.

Ilustração: Jorge Del Bianco



O QUE ESTÁ EM JOGO

Hoje, um corte de 30% nas receitas do Sesi e Senai em Goiás teria como consequência direta:

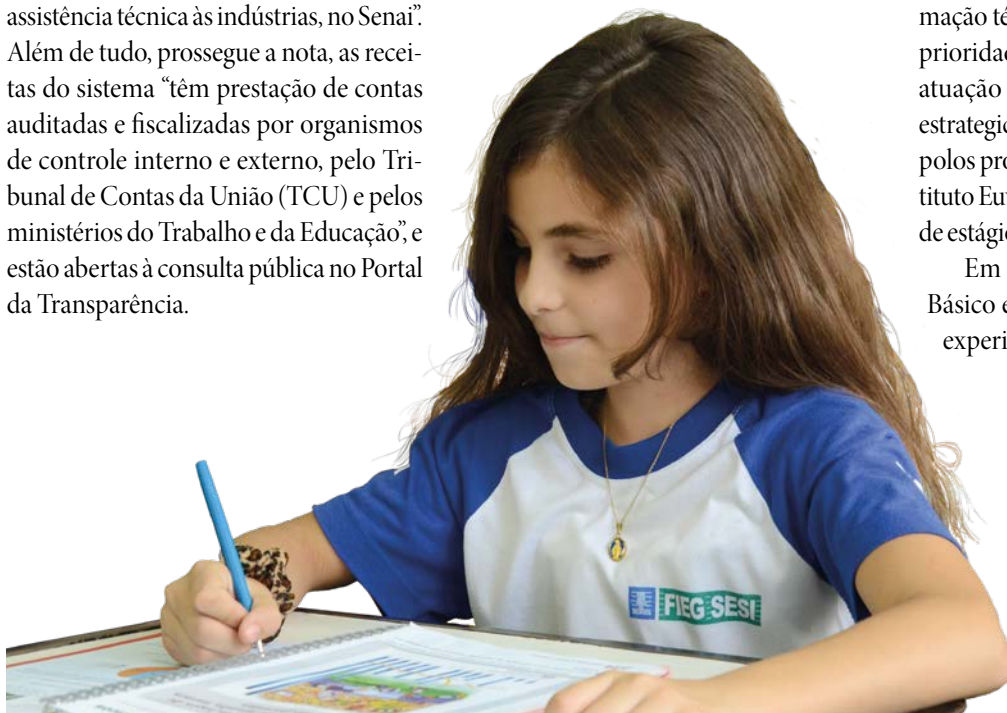
- ▶ O encerramento de 6 unidades das instituições
- ▶ A eliminação de mais de 76 mil matrículas
- ▶ A demissão de cerca de 800 funcionários
- ▶ Não ter como aceitar mais de 40 mil participantes de ações educativas
- ▶ Não prestar atendimento e procedimentos médico, ocupacional e odontológico, vacinação e exames complementares a mais de 100 mil pessoas
- ▶ Além de reduzir drasticamente a formação e qualificação profissional necessária à indústria goiana e de impedir que os profissionais se preparem para a inevitável quarta revolução industrial (indústria 4.0)

As instituições da indústria goiana são referências em suas respectivas expertises, com liderança consolidada em pesquisas de opinião. Em 2018, o Senai Goiás conquistou, pelo 11º ano consecutivo, o Prêmio Pop List, do jornal O Popular e Instituto Verus, como marca mais lembrada no segmento Curso Profissionalizante, enquanto o IEL manteve-se, pela 6ª vez, no topo como Entidade de Encaminhamento de

Estágio. Estudo de mercado reconhecido como termômetro do desenvolvimento da comunicação empresarial e publicitária em Goiás, o Pop List, em sua 26ª edição, aferiu o grau de fixação na mente do consumidor de produtos e empresas em 115 segmentos do cotidiano econômico da cidade de Goiânia.

Fatores decisivos para o crescimento da produtividade e da competitividade das indústrias, a educação básica e formação técnica e profissional são focos de prioridades do Sistema Fieg, por meio da atuação de rede de ensino Sesi e Senai, estrategicamente espalhada nos principais polos produtivos do Estado, além do Instituto Euvaldo Lodi (IEL), com promoção de estágio e aperfeiçoamento empresarial.

Em 2018, só na modalidade Ensino Básico e Educação Profissional (Ebep), experiência regional com repercussão ▶



● **Educação de qualidade:** escolas do Sesi oferecem ensino fundamental e médio

nacional, Sesi e Senai efetivaram 2.686 matrículas, colocando à disposição do mercado de trabalho novas levas de profissionais que concluíram simultaneamente o ensino médio e a formação profissional, além de cursos técnicos subsequentes, pessoas aptas a buscar o primeiro emprego ou ao empreendedorismo.

De forma global, os números da educação profissional do Senai durante o ano passado totalizaram 155.722 matrículas nas modalidades de iniciação profissional, aprendizagem industrial, qualificação profissional, aperfeiçoamento, Ebep, habilitação técnica, graduação tecnológica e pós-graduação. Na contramão da crise de desemprego no País, os números superaram em quase 30% a meta para o ano, de 120.422 matrículas, e em pouco mais de 3% o registrado em 2017, de 150.261.

O Sesi Goiás somou no ano passado 39.832 matrículas, abrangendo Ensino Regular, Educação de Jovens e Adultos (EJA), Educação Continuada, Atleta do Futuro e Formação Cultural.

● **Educação e iniciação esportiva:** escolas do Sesi fazem a diferença na vida de muitos brasileiros



● **Sandro Mabel, em bate-papo com alunos, pais e professores:** “Nosso objetivo é encantar vocês”

DA INDÚSTRIA PARA A INDÚSTRIA

“Queremos levar vocês, alunos, para a indústria”

Andelaide Lima

A abertura do ano letivo na rede de ensino Sesi e Senai em Goiás foi marcada pela presença de empresários de diversos segmentos e lideranças da indústria, que levaram suas experiências aos alunos das instituições. Nas Escolas Sesi e Senai Vila Canaã, em Goiânia, o palestrante foi o presidente da Fieg, Sandro Mabel. Em conversa descontraída, ele falou de sua trajetória, iniciada na indústria. “Fui criado dentro da empresa. Minha mãe colocava dois sacos de farinhas deitados e eu ficava no meio deles. Comecei

a trabalhar com 13 anos, fiz de tudo na indústria. E com isso fomos crescendo, trabalhando.”

Os alunos foram convidados por ele a conhecer as potencialidades de crescimento pessoal e profissional proporcionadas pelo setor produtivo. “Nosso objetivo é encantar vocês, queremos levar vocês para a indústria. Um curso superior é importante, mas com a formação técnica, o caminho para o mercado de trabalho é mais curto, a empregabilidade é alta. Queremos formar vocês para serem disputados pelas indústrias e elevar a competitividade delas”, disse.



Para tanto, ele reafirmou a intenção do Sistema Fieg de buscar a excelência do ensino técnico. Um dos caminhos é o novo ensino médio, implantado de forma pioneira na Unidade Integrada Sesi Senai Aparecida de Goiânia, em 2018, e ampliado este ano para mais quatro unidades das instituições em razão do sucesso da experiência. No novo formato, os estudantes são protagonistas na absorção de conhecimento, com integração da formação técnica e profissional, com foco na preparação para atuar em profissões do futuro.

No bate-papo com estudantes e professores, Sandro Mabel reiterou a defesa da preservação dos recursos do Sistema S, diante da ameaça de cortes feita pelo ministro da Economia, Paulo Guedes. “O ministro pensa só numa

eleição. Estadista pensa numa geração, não somos políticos. Poderia aplaudir a ideia, algumas indústrias poderiam achar ótimo, porque seria um encargo a menos. Mas quem vai treinar essa mão de obra para o futuro? Quem vai qualificar profissionais para atender à crescente demanda das empresas? Projeto em curto prazo apenas para eleição é um erro. Por isso o Brasil é tão atrasado em educação”, avaliou.

Segundo Sandro Mabel, hoje uma redução de 30% nas receitas do Sesi e Senai em Goiás traria consequências graves para todos, empresas, trabalhadores, sociedade, com fechamento de unidades, redução de matrículas e demissão de funcionários (veja quadro na página 19). “Somos referência em formação de profissionais para indústria. Líder mundial na fabricação de equipamentos agrícolas, a John Deere possui três centros de treinamentos no Brasil, um aqui no Senai Vila Canaã. A empresa investiu R\$ 6 milhões na unidade porque a instituição tem credibilidade”, acrescentou.

Participação de empresários

Além da aula inaugural no Sesi e Senai Vila Canaã, as atividades de integração nas demais unidades abrangeram palestras realizadas por empresários de diversos segmentos industriais, que abordaram temas como a importância da formação profissional, indústria 4.0 e mercado de trabalho. No Sesi Campinas, José Divino Arruda, presidente do Sinvest e diretor financeiro da Fieg, falou aos alunos da unidade; Nelson Fogaça, da Sol e Energia Confecções, e Orlando Rodrigues (Pirulitos Carrossel) estiveram no Sesi Planalto. Ex-aluno de curso técnico, de graduação e pós-graduação do Senai Anápolis, o empresário Celso Flávio, do Sindiquímica e APL Cosmético, ministrou palestra na Unidade Integrada Sesi Senai Aparecida.

Em Anápolis, marcaram presença no Sesi Jundiá e no Sesi Jaiara os empresários Wilson de Oliveira, presidente da Fieg Regional Anápolis; Túlio Moraes Benedetti, da Isoeste/Kingspan; Odival Vieira de Barros, da Bisnago Indústria de Embalagens; Marley Afonso Fernandes, da Lilee Confecção; e Luiz Antônio Oliveira Rosa, da Egregora Construtora, também ex-aluno do Sesi e diretor do Sinduscon Anápolis. Em Niquelândia, Giuliano Borges, supervisor do Legado Verde do Grupo Votorantim, prestigiou o início das aulas. No Sesi Catalão, os alunos assistiram palestra de Marcos Elias, da HPE Mitsubshi.



● Centro de treinamento da John Deere na Escola Senai Vila Canaã: investimento de R\$ 6 milhões é mostra de credibilidade

PESQUISA IBOPE NÃO DEIXA DÚVIDA

Quanto mais conhecem, mais brasileiros aprovam Sesi e Senai



Acima de 90% dos entrevistados que afirmam conhecer bem as entidades do **Sistema Indústria as consideram ótimas ou boas**; cidadãos também as associam a educação de qualidade, inovação e oportunidades de emprego

Quanto mais os brasileiros conhecem, mais aprovam a atuação do Serviço Social da Indústria (Sesi) e do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai), segundo a pesquisa Retratos da Sociedade Brasileira. Entre os entrevistados que afirmam conhecer bem as instituições, 94% consideram o Senai ótimo ou bom e 93% afirmam o mesmo em relação ao Sesi.

As entidades do Sistema Indústria são bastante conhecidas pela população. Mais de oito em cada dez brasileiros conhecem o Senai (87%) e o Sesi (82%) ainda que apenas de ouvir falar. Outras instituições do chamado Sistema S também possuem alto grau de conhecimento: 89% conhecem o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), 85%, o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac) e 80%, o Serviço Social do Comércio (Sesc).

As avaliações são melhores quanto maior o conhecimento que o entrevistado diz ter sobre as instituições vinculadas à indústria. Em toda a população, 69% avaliam o Senai como ótimo ou bom, e 59% têm a mesma percepção sobre o Sesi. Entre aqueles que afirmam conhecê-las “mais ou menos”, o percentual de ótimo e bom é 79% em relação ao Senai e de 76%, ao Sesi. Os índices atingem 94% e 93% entre os respondentes que dizem conhecer bem as organizações.



“Tivemos um dos melhores inícios de produção da empresa no mundo, superando as expectativas, e esse resultado se deve à capacitação técnica dos profissionais formados pelo Senai. Estamos extremamente satisfeitos.”

SELÍSIO FREIRE, gerente de Planta da CanPack em Itumbiara, inaugurada com 90% do quadro de funcionários formado por ex-alunos do Senai



“O Senai oferece oportunidades de crescimento profissional, de ter uma carreira e ser bem-sucedido.”

MARCIEL RODRIGUES, que fez curso de usinagem e técnico em eletromecânica no Senai e trabalha na área de produção da CanPack



“Notamos que conseguimos reter mais os colaboradores, que trabalham mais motivados, e o número de atestados diminui consideravelmente.”

WEILA REZENDE, coordenadora de Sistema de Gestão da Marfrig, sobre o investimento em esporte e o incentivo para os Jogos da Indústria do Sesi



“Considero-me um vencedor e o Senai foi o responsável pelas minhas conquistas. O curso foi ótimo, com aulas práticas e eficientes que ampliaram meus horizontes, além de abrir as portas do mercado de trabalho.”

THIAGO PERILLO, ex-aluno do curso de operador de computador para pessoas com deficiência, realizado em parceria com o Crer



“Foi nossa primeira inscrição em um concurso internacional e já conquistamos um resultado tão expressivo. Isso só foi possível porque conseguimos entrar no mercado europeu, com a consultoria prestada pelo Senai.”

PATRÍCIA MERCÊS, diretora-geral da Cervejaria Goyaz, fabricante da cerveja Colombina, que conquistou medalha de platina em concurso na Alemanha



“Nosso trabalho é estressante, mas o ambiente, a ginástica laboral do Sesi e as condições técnicas oferecidas pela empresa amenizam consideravelmente nossa rotina.”

CLODOALDO FIGUEIREDO DE OLIVEIRA, analista de aplicação da SEW Eurodrive Brasil, sobre o programa Ginástica na Empresa, do Sesi



“Fiquei impressionada com os resultados alcançados com a consultoria, superou minhas expectativas. O Senai trouxe uma visão especializada, com sugestões de melhorias, que contribuíram para o crescimento da empresa.”

GRACE SANTOS, proprietária da indústria de alimentos Tapajós, que aumentou em 69% sua produtividade após implantação do programa Brasil Mais Produtivo



“No Sesi você aprende a não se preocupar só com o vestibular. A gente sempre fala que somos preparados para a vida, para o mundo, para o mercado de trabalho e para as relações que teremos no futuro.”

JOÃO VÍCTOR BARBOSA, ex-aluno do Ensino Médio/Ebep Sesi Senai Canaã



“A aprendizagem foi meu passaporte para a o mercado de trabalho. Também fiz o curso técnico em eletromecânica e graças ao Senai sou um profissional qualificado e consegui conquistar meu espaço na empresa.”

SÉLVIO DE OLIVEIRA JÚNIOR, ex-aluno do Senai Catalão e técnico em manutenção da John Deere

Medidas muito severas para reequilibrar receitas e despesas poderão reduzir a capacidade de reação do Estado quando a economia do País engrenar marcha mais acelerada

A decretação pelo governo de Goiás do estado de calamidade financeira, uma novidade introduzida no ordenamento contábil do País pelo Rio de Janeiro em 2016, pode ter impactos não antecipados pelo governo, para além do ajuste fiscal pretendido. Há dúvidas sobre a efetividade e a eficácia da medida, assim como em relação aos efeitos sobre o setor produtivo, que tenderiam a ser agravados na hipótese de novas alterações nas políticas de benefícios fiscais adotadas pelo Estado desde os anos 1980. Para complicar, Goiás ficou fora do programa Rota 2030, que definiu a nova política de incentivos para a indústria automobilística, e foi excluído também dos benefícios estabelecidos historicamente pela União em favor das regiões menos favorecidas, que passaram a se concentrar nos Estados do Norte e do Nordeste.

Uma das preocupações centrais da indústria, aponta o presidente da Fieg, Sandro Mabel, é se os incentivos fiscais serão preservados durante o processo de ajuste das contas do setor público estadual. “Mudanças nos benefícios afetam a capacidade de investimento das empresas”, observa ele, para ponderar, em seguida, que “a resolução da situação fiscal do Estado é fator decisivo para que as empresas tenham segurança jurídica para retomar inves-



timentos representados”. Ainda de acordo com Sandro Mabel, será preciso “avaliar os desdobramentos do decreto de calamidade financeira”. A aprovação da medida em 24 de janeiro pela Assembleia Legislativa tornou Goiás o sétimo Estado a fazer a opção, muito embora o mecanismo não tenha previsão legal expressa. Ao justificar a medida, o governo recorreu ao artigo 65 da Lei de Responsabilidade Fiscal, que regula casos de calamidade pública. Os efeitos concretos não eram ainda inteiramente conhecidos até o fechamento desta edição, supondo-se que o Estado poderá renegociar contratos com fornecedores, suspender serviços considerados menos essenciais e mesmo superar os limites fixados pela LRF para a folha de salários ou postergar o pagamento do serviço da dívida, conforme especulações não confirmadas oficialmente.

“Nos últimos dois anos, vimos o Brasil sair de uma histórica recessão para voltar aos trilhos do crescimento. Mas é

fundamental que continuemos a avançar nas reformas, principalmente contendo o déficit público e aprovando a reforma da Previdência e a simplificação tributária. Esses são temas fundamentais para a melhoria do ambiente de negócios e para que o Brasil volte a atrair investimentos”, avalia o presidente da Fieg.

Ele lembra que o setor produtivo em Goiás, depois de uma negociação entre o governo então recém-eleito e o Fórum de Entidades Empresariais, concordou em participar do esforço fiscal com alguma coisa ao redor de R\$ 1,0 bilhão ao longo deste ano, ao abrir mão de alguns benefícios e concordar com o aumento para 15% na alíquota da contribuição para o Fundo de Proteção Social do Estado de Goiás (Protege Goiás), criado pela Lei 14.469, de 16 de julho de 2003, para financiar um pacote de programas na área social. “Mas o Estado tem que ter uma visão de futuro, voltada para o desenvolvimento. Pode ser que tenha outra solução (para o problema

fiscal) e achamos que tem”, afirma Sandro Mabel. A ideia, sustenta ele, é que o Estado consiga preservar instrumentos de política fiscal que permitem acompanhar a economia brasileira no momento em que a atividade engatar marcha mais acelerada.

Na avaliação da assessora da Fieg, Andréa Vecchi, o aumento na contribuição das empresas incentivadas para o Protege “significa queda substancial no aproveitamento do benefício, o que gerará perda de competitividade para as indústrias goianas”. No setor sucroalcooleiro, a fruição do crédito outorgado passa a ser condicionada à contribuição ao fundo. Além disso, as indústrias em geral também deixarão de contar com crédito outorgado de 2% nas operações interestaduais.

No setor automotivo, continua Andréa, o benefício do Produzir e do Fomentar foram reduzidos de 92,59% e 92,33% para respectivamente 44,44% e 50%. A indústria de fabricação de grupos geradores, por sua vez, teve o incentivo cortado de 98% para 85%. Ela teme que essa redução de incentivos, definida pela Lei 20.367, de 11 de dezembro de 2018, possa ser definitiva, já que sua recomposição dependerá de convênio a ser aprovado por unanimidade pelo Conselho Nacional de Política Fazendária (Confaz).

UM NOVO “CICLO INDUSTRIAL”

O presidente da Fieg pondera, ainda, que não seria recomendável “engessar” a gestão estadual com adoção de medidas ainda mais duras na área fiscal, numa visão de curtíssimo prazo e focada exclusivamente na gestão de caixa. “O Estado não pode ser tocado pelo Fisco”, reforça Sandro Mabel, indicando que a política de ajuste deveria ser orientada com base numa visão mais desenvolvimentista, de prazo e fôlego mais longo. “A solução está no incentivo à produção, ao desenvolvimento da economia, o que vai gerar receitas e ajudar no reequilíbrio das contas estaduais. Somos parceiros do Estado e

torcedores de carteirinha do (governo Ronaldo) Caiado”, observa.

O presidente da Fieg sugere um novo modelo de incentivos fiscais, que estimule a economia estadual na direção de um “novo ciclo industrial”, com estímulos à industrialização de matérias-primas aqui dentro, o que ajudaria a gerar mais empregos e maior renda, além de alavancar as exportações. Ele sugere pôr um ponto final no que chama de “farra das tradings”, que recebem incentivos para exportar grãos, no exemplo utilizado por ele, mas não agregam valor à produção local. “Estamos deixando de industrializar nosso ‘ouro’. A Argentina, por exemplo, não exporta mais trigo, apenas a farinha. Nossos moinhos misturam a farinha de trigo importada da Argentina à farinha brasileira, o que mostra que precisamos redirecionar nossa política”, defende.

Na sua avaliação, será preciso alterar a política de incentivos à exportação de grãos sem penalizar o produtor, o que contribuiria até mesmo para reforçar a arrecadação do Imposto sobre a Comercialização de Mercadorias e Serviços (ICMS). “Uma

INCENTIVOS RECORDES

(Crédito outorgado e benefícios contratados nos programas Fomentar e Produzir, valores nominais em R\$ milhões)

Período	Crédito outorgado	Fomentar/Produzir	Total*
2009	844,14	577,96	1.445,67
2010	1.466,04	1.052,25	2.550,83
2011	2.473,81	1.600,12	4.111,36
2012	3.028,10	1.659,94	4.724,61
2013	3.069,88	1.695,08	4.802,22
2014	3.618,70	2.016,40	5.671,79
2015	3.719,67	1.850,89	5.601,50
2016	4.235,39	2.001,66	6.270,77
2017	4.092,71	2.252,71	6.396,14
2018	3.978,45	2.631,82	6.664,69
Soma	30.526,90	17.338,82	48.212,58

(*) Total inclui R\$ 346,857 milhões em outros tipos de incentivos concedidos entre 2009 e 2018
Fonte: Portal Goiás Transparente

PRINCIPAL DESTINO

(Valor dos benefícios fiscais contratados pela indústria de transformação, valores nominais em R\$ milhões)

Período	Benefícios fiscais
2009	1.222,19
2010	2.144,78
2011	3.365,28
2012	3.620,10
2013	3.539,22
2014	4.115,76
2015	3.970,32
2016	4.441,06
2017	4.523,47
2018	4.784,30
Soma	35.726,48

Fonte: Portal Goiás Transparente

revisão nesse tipo de incentivo poderia quase suprir as necessidades de caixa do Estado”, arrisca. ►

MUITO ALÉM DA INFLAÇÃO

O valor total dos incentivos fiscais contratados entre 2009 e 2018, incluindo a concessão de créditos outorgados, os benefícios dos programas Produzir e Fomentar e outras formas de estímulo fiscal, atingiu praticamente R\$ 48,213 bilhões, de acordo com as séries estatísticas disponíveis no portal Goiás Transparente. Quase dois terços desse valor correspondem à concessão de créditos outorgados sobre ICMS e Imposto sobre a Propriedade de Veículos Automotores (IPVA), num total de R\$ 30,527 bilhões. Os incentivos do Fomentar e Produzir somaram R\$ 17,339 bilhões, cabendo R\$ 346,857 milhões para outros benefícios. Nos dez anos analisados pela revista, os incentivos cresceram 361%, o que corresponde a um incremento aproximado de 161,5% em termos reais, considerando-se uma inflação acumulada no período de 76,3%.

No ano passado, os incentivos contratados (o que não significa que foram utilizados integralmente) alcançaram valor recorde na série de dados nominais (quer dizer, sem atualização com base na inflação decorrida), saindo de R\$ 6,396 bilhões em 2017 para R\$ 6,665 bilhões, numa elevação de 4,2%. A alta foi liderada pelo crescimento de 16,8% nos créditos obtidos pelas empresas participantes dos programas Fomentar e Produzir, que avançaram de R\$ 2,253 bilhões para R\$ 2,632 bilhões. O volume de crédito outorgado recuou 2,8% no período, de R\$ 4,093 bilhões para R\$ 3,978 bilhões.

Na média dos últimos dez anos, a indústria de transformação foi o destino de 74,1% dos benefícios totais contratados no período, somando R\$ 35,726 bilhões. No ano passado, essa fatia ficou em 71,79%, com R\$ 4,784 bilhões contratados pelo setor – valor recorde na série disponível no portal. Registrou-se avanço de 5,77% frente aos R\$ 4,523 bilhões registrados em 2017. Entre 2009 e o ano passado, as contratações aumentaram 291,45% no setor.

Alternativas contra a crise

O Fórum de Entidades Empresariais, que inclui representações da indústria, por meio da Fieg e Associação Pró-Desenvolvimento Industrial do Estado de Goiás (Adial), do comércio e da construção civil, apresentou em janeiro ao governador Ronaldo Caiado documento com sugestões de medidas alternativas para enfrentar a crise fiscal. A proposta é tentar retomar o equilíbrio nas contas estaduais sem medidas mais radicais, que poderiam tornar o cenário mais grave.

Elaborado a seis mãos, pelos economistas Valdivino de Oliveira, ex-secretário da Fazenda de Goiás e do Distrito Federal, Júlio Paschoal, ex-superintendente de patrimônio do Estado, e Aurélio Troncoso, professor da Faculdades Alves Faria (Alfa), o documento pretende ser uma contribuição técnica para solucionar o quadro fiscal negativo. O trabalho foi construído sob uma conjuntura ligeiramente diferente, quando o governo estadual acreditava que poderia conseguir enquadrar a administração estadual no Regime de Recuperação Fiscal (RRF).

Para isso, necessariamente, a dívida consolidada no final do exercício anterior deveria ser maior do que a receita corrente líquida anual do Estado; a soma das despesas com a folha do funcionalismo, juros e amortizações igual ou superior a 70% da receita líquida; e o valor total das obrigações do Estado maior do que as disponibilidades de caixa. Goiás não se enquadrava na primeira das condições, embora os dados oficiais indicassem elevado comprometimento da receita líquida com salários, juros e amortizações (algo acima de 76,0% segundo o relatório resumido da execução orçamentária do terceiro quadrimestre de 2018, pelo critério de despesas pagas) e disponibilidade líquida de caixa negativa em praticamente R\$ 3,340 bilhões, incluindo restos a pagar liquidados e não pagos e restos a pagar de

exercícios anteriores empenhados e não liquidados.

A dívida consolidada líquida, que havia encerrado o exercício de 2016 em 94,95% da receita corrente líquida, somando R\$ 18,306 bilhões frente a R\$ 19,280 bilhões de receitas, avançou para R\$ 19,635 bilhões em dezembro do ano passado. Mas a receita líquida alcançou R\$ 21,298 bilhões, o que reduziu o endividamento relativo para 92,19%. Para atingir o limite fixado pelo RRF, o Estado teria de comprovar uma dívida adicional de R\$ 1,663 bilhão.

Nas projeções incluídas no estudo, que tomam emprestados dados da Secretaria da Fazenda de Goiás, adianta Júlio Paschoal, a relação entre dívida e receita tenderia a baixar para 85,53% neste ano e para 77,41% em 2020. “A classificação de risco dos Estados é feita pela Secretaria do Tesouro Nacional (STN) a cada três anos e Goiás está atualmente enquadrado no nível ‘C’ (o que impede a concessão de aval da União na contratação de operações de crédito), considerando dados de 2013 a 2015. Acreditamos que a classificação do Estado tende a melhorar quando ao STN considerar os dados de 2016 a 2018”, afirma Paschoal.

O documento propõe, entre outras medidas, que qualquer concessão de benefícios fiscais no futuro exija obrigatoriamente a contrapartida de investimento pelas empresas favorecidas. Seria uma forma de assegurar investimentos e a geração de receitas futuras, o que traria alívio para o fluxo de caixa no médio prazo. “As empresas querem contribuir também”, comenta Paschoal.

Numa perspectiva mais imediata, o empresariado sugere a constituição de parcerias com o setor produtivo para a captação de recursos para o Estado. Um dos caminhos seria a antecipação do ICMS, o que já foi feito antes, mas com a garantia de compensação posterior, por meio de

aproveitamento gradual de créditos do imposto pelas empresas. “Fortalecer a parceria entre o governo e o setor produtivo faria acelerar o crescimento e facilitaria o ajuste”, acrescenta ele.

ACIMA DA MÉDIA

O estudo encaminhado ao governo estadual, afirma o economista Júlio Paschoal, mostra que o Produto Interno Bruto (PIB) acumulou avanço nominal de 272% entre 2004 e 2017, frente a 235% para o restante da economia brasileira. “Os dados mostram que Goiás cresce 16% mais do que o PIB do País”, acentua ele. A arrecadação do ICMS, nos dados informados pelos Estados ao Confaz, aumentou 246,8% entre 2004 e o ano passado em todo o País, subindo de R\$ 138,316 bilhões para R\$ 479,664 bilhões. Em Goiás, a arrecadação cresceu quase 20% mais, em alta nominal de 296% (de R\$ 3,978 bilhões para R\$ 15,755 bilhões), e a participação goiana no bolo do ICMS variou de 2,88% para 3,45% em igual intervalo.

Investimentos postergados

O setor farmacêutico havia programado investimentos ao redor de R\$ 800,0 milhões a R\$ 1,0 bilhão em novas máquinas, expansão de linhas e na área de tecnologia para 2019 e 2020, mas deverá manter seus projetos na gaveta, ao menos até que se tenha uma definição da extensão e do impacto da política de ajuste fiscal ensaiada pelo governo. “Quem estava com investimento previsto para o período paralisou os projetos. Só as empresas que estavam mais avançadas, com 60% ou 70% do projeto executado, deverão concluir”, afirma Heribaldo Egídio, ex-presidente do Sindicato das Indústrias Farmacêuticas no Estado de Goiás (Sindifargo).

Os recentes cortes nos incentivos destinados à indústria no Estado, completa Egídio, terão impacto muito maior do que os estimados inicialmente, comprometendo principalmente empresas do setor,



● **Heribaldo Egídio:** “Quem estava com investimento previsto para o período paralisou os projetos. Só as empresas que estavam mais avançadas, com 60% ou 70% do projeto executado, deverão concluir”



● **Orizomar Araújo Siqueira:** “A ótica fiscal tem predominado, sem uma visão mais ampla do cenário”

que apresentam maior dependência de matérias-primas e insumos importados. “Praticamente 90% de nossos insumos vêm dos Estados Unidos, da Europa e da Ásia e o dólar não vai cair de forma a compensar os custos mais altos que teremos de enfrentar com a redução dos incentivos”, afirma. Ele acrescenta ainda que o setor farmacêutico enfrenta grande concorrência e parte substancial de seu mercado está nos grandes centros do consumo, fora do Estado. “Tenho de transportar meus produtos durante 11 horas de caminho desde a fábrica até São Paulo, por exemplo. Os incentivos permitiam ao setor concorrer e investir. Essa redução (dos benefícios fiscais) não estava no orçamento das empresas”, queixa-se Egídio.

A Equiplex, empresa da qual é dono, investiu cerca de R\$ 40,0 milhões no passado para assumir um terço da indústria da AferBio, em Santa Bárbara D'Oeste (SP), onde fabrica produtos para pacientes oncológicos mais debilitados. O contrato previa a transferência de um braço da fábrica para Goiás em até 24 meses, mas Egídio já comunicou ao sócio paulista que fará o investimento, estimado em R\$ 5,0 milhões, em Santa Bárbara D'Oeste mesmo. “Na mudança para Goiás, faríamos uma alteração tecnológica na linha de envase do produto, que deixaria de ser enlatado e passaria a ser envasado em sachês”, detalha.

Perspectiva mais negativa

O cenário desenhado até o momento antecipa um ano de “alguma queda” para a produção do setor metal-mecânico em Goiás, sugere o diretor executivo do Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico do Estado de Goiás (Simelgo), Orizomar Araújo Siqueira. “A ótica fiscal tem predominado, sem uma visão mais ampla do cenário”, acrescenta Siqueira, que espera “reflexos muito negativos para o setor” a partir da redução dos incentivos.

“Apenas a Mitsubishi demitiu 200 pessoas numa tacada só no dia 17 de janeiro. Outras empresas tradicionais do setor, como Ferrobrás, Perfinasa e Metalforte, também realizam demissões. Essa decisão parece um contrassenso e foi um contravapor diante das expectativas de melhoria na economia neste ano”, pondera ainda. Siqueira acrescenta que o parque industrial do setor em Goiás teria capacidade para atender à demanda de uma população equivalente a 30 milhões de habitantes, mas consegue colocar no mercado goiano um quinto dessa produção. “O restante tem de ser exportado para outros Estados e para fora do País. Nesse caso, precisamos dos incentivos”, observa, acrescentando que indústria tem operado com ociosidade de 50%. ♦

OTIMISMO, COM UM PÉ ATRÁS

Indústria espera crescimento mais intenso neste ano, na comparação com o ritmo modorrento de 2018, mas ainda sofre com situação atual dos negócios

Moída muito mais por uma expectativa de melhoria no cenário econômico, a indústria analisa com otimismo as perspectivas para o setor e para a economia como um todo ao longo do ano, mesmo que as projeções mais recentes ainda apontem para taxas de crescimento apenas parcimoniosas em 2019. “Tenho conversado com empresários e a avaliação geral (sobre a economia) indicam um otimismo grande, mas também preocupações”, comenta o presidente da Fieg, Sandro Mabel.

Em seu primeiro mandato à frente da federação, o empresário acredita que o Produto Interno Bruto (PIB) em Goiás deverá acompanhar o avanço na faixa de 3% aguardado pela Confederação Nacional da Indústria (CNI) para toda a economia brasileira, com a indústria seguindo mais ou menos o mesmo ritmo. Os mercados calibravam suas apostas, até a segunda semana de janeiro, na direção de um crescimento ao redor de 2,57% neste ano, na média das previsões. As projeções mais recentes do Itaú BBA e do Bradesco, por sua vez, sugeriam crescimento de 2,5% e 2,8% respectivamente.

As preocupações citadas por Sandro Mabel dizem respeito à capacidade de o governo federal aprovar as reformas defendidas pelo setor, especialmente a da Previdência e a tributária, e ainda às medidas antecipadas pelo governo estadual para enfrentar uma situação financeira delicada

Alex Malheiros



● **Januária Guedes, economista da Fieg:** “Pode-se dizer que mesmo percebendo piora em suas condições correntes de negócio, o empresário goiano está confiante em melhorar no futuro próximo”

(leia matéria nesta edição). O presidente da Fieg acredita que o governo Jair Bolsonaro deveria “aproveitar o embalo e o entusiasmo da população com a eleição da nova administração e fazer as reformas de que o País precisa”, consolidando as possibilidades de um crescimento mais promissor a partir da segunda metade do ano.

“O mercado entende que se (o governo) resolver a Previdência será dada uma sinalização importante em relação às perspectivas futuras”, sugere. “Como a economia em todo o Brasil, a indústria também teve um crescimento pequeno em 2018. Estamos com boas perspectivas para 2019. A economia, as bolsas, os industriais e os consumidores estão mais entusiasmados. Com a entrada de Jair Bolsonaro na presidência e de Ronaldo Caiado no governo do Estado, temos expectativa de que a indústria dê um salto, porque a economia também dará esse salto”, avalia ele. O empresário identifica no aumento

José Paulo Lacerda/CNI



● **Marcelo Azevedo, economista da CNI:** “O aumento da intenção de investir do empresário é uma excelente notícia. A concretização desses investimentos gera mais empregos, mais produção e mais renda”

do volume de vendas de imóveis em Goiás no final de 2018 um sinal de mudança no ambiente de negócios.

A mais recente Sondagem Industrial da CNI apontou leve aumento na intenção de investimentos da indústria brasileira na passagem de dezembro de 2018 para janeiro deste ano, saindo de 55,5 para 56,1 pontos, nível mais elevado desde abril de 2014, antes do início da recessão. Foi a quarta alta consecutiva do índice, que superou em 3,1 pontos o indicador apurado em janeiro do ano passado.

“O aumento da intenção de investir do empresário é uma excelente notícia. A concretização desses investimentos gera mais empregos, mais produção e mais renda, dando condições para que a indústria, e a economia como um todo, não só apresentem taxas maiores de crescimento, mas, mais ainda, trilhem um caminho de crescimento sustentado no longo prazo”, afirma Marcelo Azevedo, economista da CNI.



CONFIANÇA NO FUTURO

(Indicadores da indústria goiana, em pontos)

Período	Índice de Confiança do Empresário Industrial	Indicador de Condições	Indicador de Expectativa
Jan/18	59,1	50,3	63,4
Fev	59,3	51,8	63,2
Mar	62,9	54,7	67,0
Abr	57,6	49,6	61,6
Mai	57,2	50,7	60,5
Jun	51,7	41,4	56,9
Jul	54,4	44,5	59,2
Ago	56,1	49,7	59,4
Set	56,5	48,5	60,4
Out	54,7	46,8	58,8
Nov	63,7	51,9	69,6
Dez	64,1	53,9	69,2
Jan/19	62,5	49,3	69,2

Fonte: Fieg

Mesmo assim, em Goiás, levantamento da Fieg mostrou redução no Índice de Confiança do Empresário Industrial (ICEI) no primeiro mês do ano, em baixa de 1,6 pontos, saindo de 64,1 em dezembro para 62,5 – mas 3,4 pontos acima do índice anotado em janeiro de 2018, lembrando que indicações acima dos 50 pontos sugerem confiança em terreno positivo. Para a economista Januária Guedes, da Fieg, a queda em relação ao último mês foi registrada em todos os setores, sobretudo pela percepção das empresas de pequeno e médio porte. “Porém, mesmo com queda, os empresários se mantêm confiantes, os índices dessas empresas continuaram acima dos 60 pontos e, na análise interanual, houve aumento no índice de confiança das empresas nos três portes analisados”, afirma.

O comportamento do ICEI em janeiro foi influenciado sobretudo pela retração de 4,6 pontos no Indicador de Condições, que afere a situação atual dos negócios comparada aos últimos seis meses e baixou de 53,9 em dezembro para 49,3 pontos.

A redução veio em linha com o desempenho da produção industrial no Estado, que sofreu baixa de 2,6% no trimestre encerrado em novembro de 2018 comparado aos mesmos três meses do ano anterior e acumulou perdas de 4,7% no acumulado dos 11 primeiros meses do ano passado, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

“Desde junho do ano passado, o indicador esteve apenas duas vezes acima dos 50 pontos, o que mostra que, mesmo com a confiança em alta, o empresário ainda resente as condições correntes de negócio”, comenta Januária. Mas as expectativas em relação aos próximos seis meses, ao contrário, fecharam janeiro deste ano com 69,2 pontos, repetindo os números de dezembro e 5,8 pontos acima do indicador de janeiro de 2018. Conforme a economista da Fieg, “pode-se dizer que mesmo percebendo piora em suas condições correntes de negócio, o empresário goiano está confiante em melhora no futuro próximo”.

Comparado aos números coletados

em todo o País pela CNI, o ICEI em Goiás seguiu trajetória inversa em janeiro, depois de manter-se acima do indicador nacional durante quase todo o ano passado. O índice de confiança da indústria brasileira em seu conjunto elevou-se de 63,8 para 64,7 pontos de dezembro para janeiro.

Mercado de trabalho ainda debilitado

No último mês do ano, segundo dados da Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), as empresas goianas fecharam 13.342 vagas formais, refletindo comportamento sazonal para o período, no menor saldo negativo entre contratações e demissões desde igual período de 2005 (quando haviam sido afastadas 12.011 pessoas). Nos 12 meses de 2018, pelo segundo ano consecutivo, o saldo ficou positivo, com acréscimo de 26.256 empregos com carteira assinada no estoque de empregados no Estado, correspondendo a uma variação de 2,2% sobre o total de vagas registrado em dezembro de 2017. Naquele ano, a economia formal havia aberto 25.370 vagas.

Os números da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PnadC) são menos generosos e mostram um mercado de trabalho ainda debilitado e em lenta recuperação no Estado. Na comparação entre o terceiro trimestre do ano passado e igual período de 2017, o total de ocupados, incluindo o emprego informal, recuou 1,2%, passando de 3,335 milhões para 3,293 milhões de pessoas. Excluídos as ocupações por conta própria, que cresceram 2,4% na mesma comparação, o restante dos ocupados encolheu ainda mais fortemente, em baixa de 2,5% (correspondendo ao encerramento de 62,0 mil vagas). Na indústria, o número de ocupados caiu de 451,0 mil no terceiro trimestre de 2017 para 427,0 mil em igual período do ano passado, baixando 5,5%.

A queda no total de desocupados e na taxa de desemprego veio movida pelo ►

aumento de 5,1% no número de pessoas de decidiram ficar fora da força de trabalho, desistindo de buscar alguma forma de ocupação. O contingente fora da força avançou de 1,849 milhão para 1,944 milhão, num acréscimo de 95,0 mil. Isso explica a redução também de 5,1% no número de desocupados (de 340,0 mil para 322,0 mil) e na taxa de desemprego (de 9,20% para 8,90%) naquele mesmo intervalo.

Como o total de ocupados manteve-se virtualmente estagnado no período e o rendimento médio real sofreu recuo de 1,5%, a massa salarial (quer dizer, a soma de todos os rendimentos recebidos por todas as pessoas com alguma forma de ocupação), considerada a valores do terceiro trimestre do ano passado, experimentou perda de R\$ 162,0 milhões. Nos dados da PNADC, a massa de rendimentos encolheu de R\$ 6,830 bilhões no terceiro trimestre de 2017 para R\$ 6,669 bilhões em igual período do ano passado, numa redução de 2,4% em termos reais – o que ajuda a entender a estagnação do volume de vendas do varejo goiano no acumulado dos 11 primeiros meses de 2018.

PREVISÕES PARA 2018

A economia goiana tende a apresentar, em 2018, desempenho inferior à média brasileira, revertendo o que parece ter sido um resultado mais favorável anotado em 2017, nas projeções do Instituto Mauro Borges de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos (IMB). Nos últimos cinco anos, o ritmo de avanço do Produto Interno Bruto (PIB) de Goiás somente foi mais intenso do que a média nacional em 2014 e 2017. Nos três primeiros trimestres de 2018, a economia avançou 1,2%, 0,4% e 0,8% respectivamente, diante de variações igualmente de 1,2% no primeiro trimestre para o PIB do País, de 0,9% e de 1,3% nos dois trimestres seguintes.

O comportamento anotado em 2018 parece consolidar tendência de dinamismo ainda mais modesto do que o conjunto da economia brasileira, cuja causa pode estar principalmente

NÚMEROS DO IBGE MOSTRAM ESTAGNAÇÃO EM GOIÁS

Variáveis	3º trimestre 2017	3º trimestre 2018	Variação (%)
Pessoas ocupadas (em milhares)	3.335	3.293	-1,2
Ocupados por conta própria (em milhares)	819	839	+2,4
Ocupados sem carteira assinada (em milhares)	711	725	+2,0
Ocupados na indústria (em milhares)	451	427	-5,5
Ocupados na construção (em milhares)	298	251	-16,0
Desocupados (em milhares)	340	322	-5,1
Taxa de desocupação	9,20%	8,90%	-
Rendimento médio real (R\$)	2.079	2.048	-1,5
Massa de rendimentos (R\$ milhões)	6.830	6.669	-2,4

Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua (PNADC)

MAS CAGED INDICA REAÇÃO

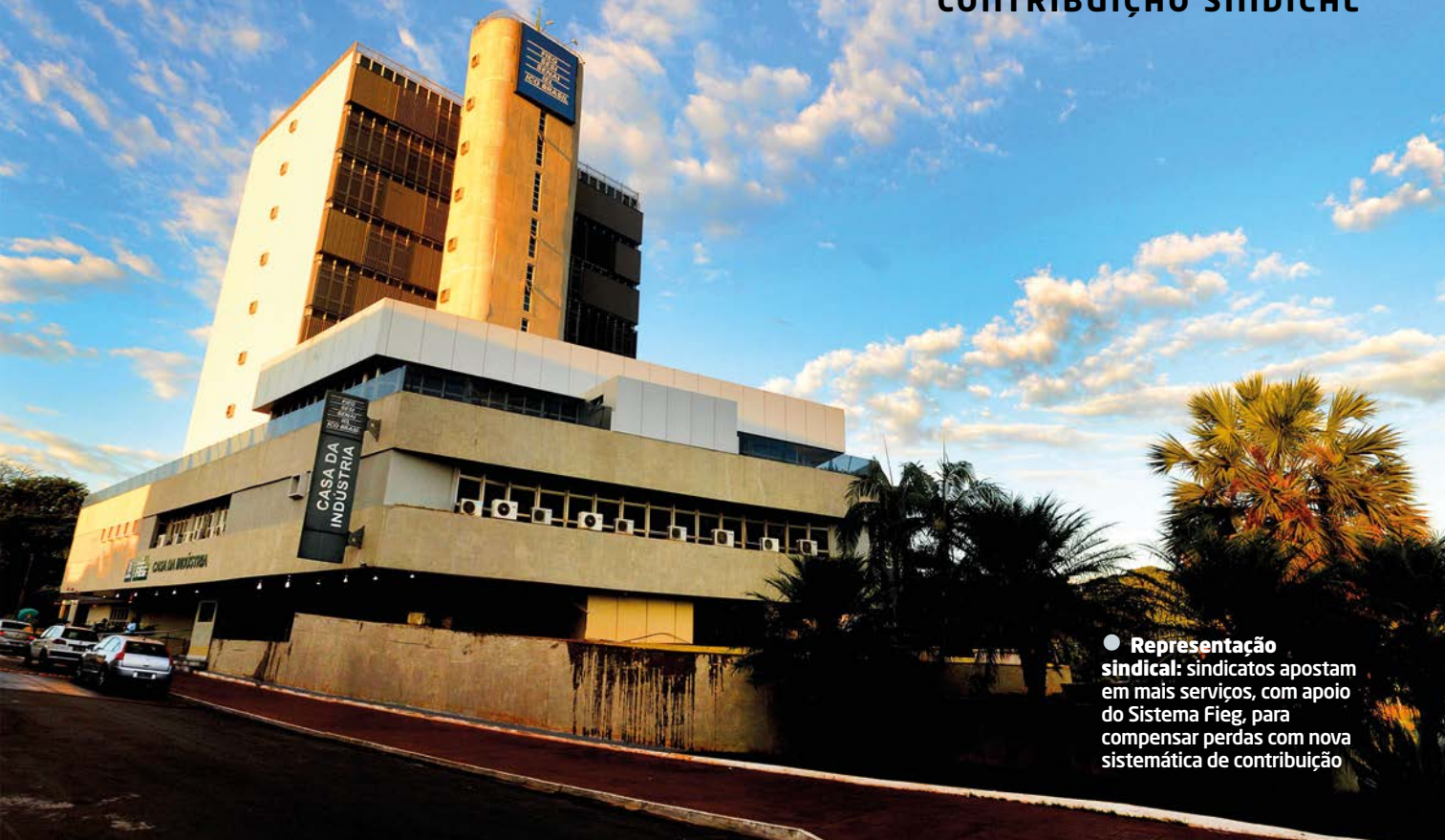
(Saldo de contratações e demissões no ano, principais setores de atividade em Goiás)

Variáveis	2017	2018
Saldo total	25.370	26.256
Indústria de transformação	4.785	1.014
Construção	1.678	1.360
Serviços	10.828	15.112
Comércio	5.530	7.509

Fonte: Cadastro de Empregados e Desempregados/Ministério do Trabalho

no mau desempenho da indústria goiana mais recentemente. Na estimativa do IMB para o primeiro, segundo e terceiro trimestres do ano passado, o PIB da indústria anota ligeiro avanço de 0,5% nos três primeiros meses do ano, na comparação com o trimestre inicial de 2017, mas apresenta perdas de 1,2% e de 1,4% no segundo e terceiro trimestres, o que se compara com leve incremento de 0,8% apontado para

os mesmos trimestres para o PIB industrial do País. As vendas do varejo não registraram qualquer avanço na comparação entre os 11 primeiros meses de 2018 e o mesmo período de 2017, enquanto o setor de serviços, que tem participação de 64,9% na economia do Estado, de acordo com o IMB, nas estatísticas do IBGE, anotou recuo de 0,9% também no mesmo tipo de comparação. ♦



● **Representação sindical:** sindicatos apostam em mais serviços, com apoio do Sistema Fieg, para compensar perdas com nova sistemática de contribuição

O ESFORÇO DOS SINDICATOS PARA RECUPERAR RECEITAS

Sindicatos da indústria desenvolvem políticas e estratégias para incrementar serviços, conquistar associados e compensar o fim da contribuição obrigatória

Lauro Veiga Filho

Fotos: Alex Malheiros

Os sindicatos patronais do setor industrial, sob orientação da Federação das Indústrias do Estado de Goiás (Fieg), mobilizam-se para tentar recuperar a arrecadação perdida desde que a contribuição sindical deixou de ser obrigatória. “A Fieg recomenda que os sindicatos reúnam suas bases em assembleia para discutir a melhor forma de prover os recursos necessários à manutenção daquelas entidades”, resume a diretora sindical da Fieg, Denise Resende.

Denominada igualmente de imposto sindical por algumas vertentes de juristas, a contribuição passou a ser facultativa desde novembro de 2017, com a entrada em vigor da Lei 13.467/17, publicada originalmente em julho daquele ano. Mais conhecida como a



● **Denise Resende, diretora sindical da Fieg:** “A ideia é que os sindicatos passem a atuar mais na área do associativismo, o que já é previsto em lei”

lei da reforma trabalhista, o dispositivo alterou, entre centenas de outros pontos da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), os artigos 578 e 579, que tratam da contribuição sindical. Quase 12 meses mais tarde, em junho do ano passado, o Supremo Tribunal Federal (STF) decidiu manter a contribuição facultativa, ao julgar 19 ações que questionavam a extinção da obrigatoriedade de seu recolhimento por empresas e empregados.

De acordo com Denise Resende, os sindicatos vão discutir a melhor forma de assegurar sua manutenção e seu grande trunfo está exatamente no conjunto de serviços que já prestam a seus associados e que podem ser aperfeiçoados e ampliados, alcançando um número maior de empresas em sua base de atuação. “A ideia é que os sindicatos passem a atuar mais na área do associativismo, o que já é previsto em lei”, pontua ainda a diretora sindical.

Com novos fundamentos e o apoio do Sistema Fieg, aí incluídos Sesi, Senai, IEL, ICQ Brasil e o Centro Internacional de Negócios (CIN), Denise acredita que a representação sindical poderá conseguir maior reconhecimento pelos serviços que prestam e garantir maior aproximação das empresas industriais para reverter as perdas na arrecadação da contribuição sindical.

Atuação rigorosa no lado das despesas

O Sindicato da Indústria da Construção, Geração, Transmissão e Distribuição de Energia no Estado de Goiás (Sindcel) espera sinalização mais favorável para a economia neste ano, o que ajudaria a recompor as receitas que deixou de receber desde o fim da contribuição sindical obrigatória. “Toda a base de nosso setor, estreitamente ligada aos segmentos de geração, transmissão e distribuição de energia, depende muito do crescimento da demanda doméstica”, acentua o presidente



● **Célio Eustáquio de Moura:** Sindcel realiza “trabalho corpo a corpo” para ampliar o número de empresas associadas



● **Alyson José Nogueira:** “Os recursos arrecadados por meio de contribuição voluntária já eram maiores do que os da contribuição obrigatória”

do Sindcel, Célio Eustáquio de Moura.

De acordo com ele, o fim da contribuição compulsória trouxe “perdas significativas de receitas”, numa redução estimada em praticamente 80% ao longo do ano passado, o que levou o Sindcel a adotar estratégia diferenciada para fazer frente à queda na arrecadação, manter suas contas equilibradas e sustentar a qualidade e o volume dos serviços prestados aos associados. “Atuamos vigorosamente no lado da despesa para evitar qualquer problema de desequilíbrio financeiro, de forma a manter receitas e despesas equilibradas e preservar a sustentabilidade do sindicato”, ele afirma.

Com mais de mil empresas em sua base de atuação em todo o Estado, o sindicato desenhou toda uma estratégia para tentar recompor a arrecadação aos níveis verificados antes da reforma trabalhista, recorrendo ao rateio negociado de algumas despesas e de serviços prestados, que têm sido incrementados com apoio das entidades do Sistema Fieg (Sesi, Senai, IEL Goiás, ICQ Brasil), e realizando um “trabalho corpo a corpo” para ampliar o número de empresas associadas.

O Sindcel preocupa-se crescentemente com a oferta de novos serviços e benefícios para que seus associados conti-

nuem contribuindo de forma espontânea. “Estamos buscando o comprometimento da nossa base com o pagamento de taxas e contribuições, sempre com anuência e concordância das empresas, para que o trabalho do sindicato seja reconhecido e as empresas tenham a percepção de que se a representação sindical enfrentar dificuldades, o setor também terá problemas”, argumenta Moura.

Nesse momento, o Sindcel busca o convencimento das empresas de sua base, nas palavras de seu presidente, e trabalha na documentação necessária para dar formato jurídico adequado à contribuição voluntária de seus associados. “Estudamos alternativas para permitir esse tipo de arranjo, para que a cobrança ocorra de forma legal e transparente durante todo o processo de cobrança e de arrecadação”, diz Moura. Até o momento, acrescenta ele, tem sido possível manter as contas em equilíbrio.

Sindirepa cria novas fontes de recursos

O Sindicato da Indústria de Reparação de Veículos e Acessórios do Estado de Goiás (Sindirepa) continua trabalhando em várias frentes para tentar elevar suas

receitas, embora experimente uma situação particular frente aos demais sindicatos. Mais de 95% das empresas de sua base, detalha o empresário Alyson José Nogueira, presidente do Sindirepa, estão enquadradas no Simples Nacional e já não recolhiam a contribuição sindical mesmo antes da reforma trabalhista. Para o restante das empresas, que trabalham em regime de lucro real ou presumido, a contribuição deixou de ser obrigatória após a reforma.

Há cerca de seis anos, relembra Nogueira, o sindicato começou a desenvolver o que ele chama de “carteira de associativismo” como alternativa para reforçar a arrecadação, oferecendo serviços especializados às empresas associadas, seja nas áreas de orientação legal e trabalhista, seja na oferta de cursos de formação e aperfeiçoamento profissional, entre outros. “Os recursos arrecadados por meio de contribuição voluntária já eram maiores do que os da contribuição obrigatória”, acrescenta ele.

De qualquer forma, o sindicato continua seus esforços para diversificar as fontes de receita e tem trabalhado em conjunto com o Sistema Fieg para tornar o associativismo mais atraente para as empresas do setor. Há um largo espaço para crescimento nessa área, observa Nogueira, já que todo

o mercado goiano abriga mais de 3,0 mil empresas de reparação de veículos e acessórios e o sindicato registra, atualmente, em torno de 60 empresas associadas.

Esse trabalho envolve o Senai de forma mais destacada, na área de formação e capacitação de profissionais para o setor. O Sindirepa, sempre que possível, busca negociar cursos de aperfeiçoamento de mão de obra a custos mais atraentes para as empresas. Com base no extenso relacionamento desenvolvido com as escolas da rede Senai, o sindicato consegue ter acesso ao banco de dados de profissionais em fase de treinamento ou já qualificados, o que facilita contratações e a reposição de mão de obra. “Buscamos um caminho mais assertivo, que permite resultados melhores e a contratação de pessoal mais qualificado”, resume Nogueira.

Apoio à internacionalização de empresas

No ano passado, detalha o presidente do Sindicato das Indústrias Químicas no Estado de Goiás (Sindquímica), Jair José de Alcântara, apesar do fim do imposto sindical, a entidade conseguiu receber 30% do valor arrecadado ao longo de 2017. “Pelo menos não estamos no zero”, observa ele.



“NO FIO DA NAVALHA”

Desde o ano passado, o Sindirepa conseguiu estabelecer nova fonte de recursos ao intermediar a atração de novas empresas fornecedoras de insumos, peças e equipamentos para atender o mercado goiano de reparação. Entre esses fornecedores, que atendem as empresas de funilaria e pintura, mecânica, retífica de motores e usinagem e empresas de bombas injetoras, estão distribuidoras e concessionárias ligadas a montadoras de veículos, além de distribuidoras multimarcas. A nova fonte de recursos já responde por 55% das receitas, o que permitiu um certo equilíbrio nas contas. “Trabalhamos sempre no fio da navalha”, observa Nogueira.

Cada um dos segmentos que formam o setor de reparação e acessórios apresenta demandas diferenciadas e específicas, o que é sempre levado em conta pelo sindicato, que promove encontros mensais, sempre na última terça-feira de cada mês, com todos os associados. “Oferecemos apoio efetivo na área de gestão das empresas, orientação técnica e profissional, assessoria jurídica e trabalhista, por meio de especialista nessa área, o advogado trabalhista Alexandre Meireles, contratado pelo sindicato, e buscamos orientar as empresas no sentido de construírem uma relação positiva com o sindicato laboral. Temos tido avanços nessa área”, comenta Nogueira.

Ainda em 2017, o Sindirepa criou uma câmara setorial de funilaria e pintura, mais conhecida como “câmara da colisão”, encarregada de tratar de assuntos de interesse daquele segmento. “Essa é mais uma linha que gera despesas, mas também receitas para o sindicato”, acrescenta o presidente do sindicato.

Alcântara espera alguma melhora nas receitas para 2019, embora mantenha em seu planejamento a meta de repetir o desempenho de 2018, o que permitira pelo menos cobrir os custos programados.

Ainda em 2018, detalha o presidente do Sindquímica, o estatuto do sindicato foi alterado de forma a permitir a criação de uma associação, que deverá dar maior flexibilidade para levantar recursos de fontes diversas. “Estamos dando corpo para a associação e deveremos contratar um especialista para captar clientes”, adianta Alcântara. O sindicato desenvolve trabalho de assessoria a empresas associadas nas áreas trabalhista, judicial e de negócios, operando ainda na promoção de eventos, entre outras atividades. “Nosso esforço destina-se ao atendimento à demanda das empresas, buscando atrair o empresário para o lado do sindicato. Queremos associados que contribuam mensalmente”, sustenta.

Até o momento, a estratégia tem mostrado resultados positivos, na avaliação de Alcântara, já que o Sindquímica tem conseguido arrecadar recursos em volume suficiente para pagar suas despesas básicas.

Já há algum tempo, o sindicato desenvolve um trabalho pioneiro, em sua área, focado na promoção de exportações e na internacionalização das indústrias do setor, operando em conjunto com o Centro Internacional de Negócios da Fieg (CIN). “Contratamos ainda um especialista para dar assessoria às empresas na área de comércio exterior”, afirma o presidente do Sindquímica. “O sindicato desenvolve o projeto, trabalha para sua consolidação e o associado vai pagando parceladamente. Como as despesas (incluindo passagens, estadia, deslocamentos nos países de destino, participação em feiras) são contratadas em grupo, os custos são proporcionalmente mais baixos, o que estimula a participação das empresas do setor”, detalha Alcântara.

Ele lembra que esse trabalho permitiu



● **Alfredo Luiz Correia:**
“A contribuição cobria apenas um terço de nossas despesas. O que temos aqui, desde 2001, é uma contribuição associativa”

a participação, num exemplo, na feira de cosméticos ocorrida na cidade do Porto, em Portugal, destino que deverá ser reeditado neste ano. A missão organizada pelo sindicato deverá embarcar para a cidade portuguesa no dia 27 de março e participará da edição de 2019 da mesma feira, prevista para os dias 30 de março a 1º de abril. Os empresários do setor químico mal terão tempo de desfazer as malas e já embarcam novamente, agora rumo a Dubai, onde participarão de outra feira do setor de cosméticos, entre os dias 17 e 19 de abril. “A política tem dado resultados e muitas empresas têm conseguido fazer negócios lá fora”, afirma Alcântara.

Contribuição associativa cobre despesas

O Sindicato das Indústrias de Laticínios no Estado de Goiás (Sindileite) experimenta situação diferenciada, já tinha dependência muito baixa da contribuição compulsória, de acordo com seu diretor executivo, Alfredo Luiz Correia. “A contribuição cobria apenas um terço de nossas despesas. O que temos aqui, desde 2001, é uma contribuição associativa, que mantém todos nossos gastos de custeio”, acrescenta ele.

A orientação de caráter mais geral para todos os sindicatos do setor industrial, retoma Correia, é para que realizem assembleias gerais por entidade para sancionar uma contribuição espontânea, com orientação de advogados, em substituição ao imposto sindical. “Mas o Sindileite considera como opção mais adequada dialogar com as empresas associadas para manter a contribuição amigável e espontânea”, pondera ele.

Essa conversa tem ocorrido de forma tranquila diante do trabalho que o sindicato desenvolve, seja na representação trabalhista, seja atuando nas esferas dos governos federal e estadual para reduzir a incidência de PIS/Cofins nas operações do setor, assim como do Imposto sobre a Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS), além de trabalhar na intermediação da concessão de créditos especiais para investimento, créditos outorgados do ICMS e ainda na realização de cursos e palestras de aperfeiçoamento técnico e modernização setorial. O Sindileite registra atualmente 30 empresas associadas, que respondem por 80% do leite captado sob inspeção federal no Estado, que produz em torno de 7,5 milhões de litros por dia num total de 82 laticínios. ♦

MAIS QUALIDADE E COMPETITIVIDADE

Em nova etapa, Procompi deverá atender neste ano praticamente seis dezenas de micro e pequenas indústrias de reparação de veículos, alimentos e panificação

Produtividade, qualidade e inovação. O roteiro para as próximas etapas do Programa de Apoio à Competitividade das Micro e Pequenas Indústrias (Procompi) em Goiás já foi desenhado em parceria com três sindicatos de setores relevantes para a indústria goiana, contemplando reparação de veículos e acessórios, alimentação e panificação e confeitaria. Previsto para durar até dezembro próximo, o programa deverá atender em torno de 20 empresas em cada um daqueles segmentos, cobrindo aproximadamente 60 no total.

Na área de reparação de veículos, numa parceria com o Sindicato da Indústria de Reparação de Veículos e Acessórios do Estado de Goiás (Sindirepa), o projeto prevê aumento da qualidade na prestação de serviços automotivos para as duas dezenas de empresas do setor que aderiram ao Procompi, todas instaladas nos municípios de Aparecida de Goiânia,

Goiânia, Anápolis, Itumbiara e Rio Verde. O objetivo é preparar essas empresas, de micro e pequeno porte, para a implantação de boas práticas de gestão organizacional e de qualidade, além de promover sua adequação a procedimentos e requisitos técnicos da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). A ideia é que consigam alcançar um modelo de excelência em gestão e elevar a competitividade.

Em parceria com o Sindicato das Indústrias de Alimentação no Estado de Goiás (Siaeg), 20 empresas de Aparecida de Goiânia, Goiânia, Senador Canedo, Trindade, Bela Vista de Goiás, Pirenópolis, Nerópolis, Goianira, Guaporé incluídas no programa terão até dezembro para adequar procedimentos e processos aos requisitos de controle de alergênicos, um dos pontos críticos da indústria de alimentos. Entre outros objetivos, o projeto deverá promover melhoria na competitividade,

aumento na segurança e qualidade dos produtos, com adoção de ferramentas que promoverão condições adequadas para atendimento do Programa de Controle de Alergênicos nas micro e pequenas indústrias de alimentos.

Em busca de maior competitividade, micro e pequenas indústrias de panificação, organizadas em parceria com o Sindicato das Indústrias de Panificação e Confeitaria no Estado de Goiás (Sindipão), deverão realizar, com a colaboração de consultores do Procompi, um mapeamento do nível de maturidade de cada uma delas, o que deverá permitir direcionar soluções estratégicas para o desenvolvimento de seu potencial inovador de forma mais adequada. Nesse caso, serão atendidas 20 empresas da Região Metropolitana de Goiânia.

Desenvolvido em parceria entre Confederação Nacional da Indústria (CNI), Fieg e Sebrae, o Procompi deverá realizar inicialmente um diagnóstico detalhado da situação atual das empresas participantes. Os resultados deverão orientar o trabalho de consultoria que será feito na sequência. ◆

Alex Malheiros



● Equipe do Procompi em Goiás e representantes do setor de artefatos de cimento: encerramento de mais uma etapa do programa no final do ano passado



“GOIÁS NÃO FAZ ROUPA, NÓS PRODUZIMOS MODA DE QUALIDADE A UM CUSTO BACANA, SOMOS COMPETITIVOS. O BRASIL INTEIRO COMPRA AQUI E PAÍSES DO MERCOSUL, TAMBÉM.”

JAIRO GOMES, presidente da AER44

AQUI SE FAZ A MODA QUE SEDUZ O BRASIL

Complexo comercial desconhece crise e atrai compradores de roupa de todo o País e do Mercosul. No foco do Sistema Fieg, chegada de novos empreendimentos aumenta demanda por mão de obra qualificada

Andelaide Lima

Fotos: Alex Malheiros e Sílvia Simões

Há 17 anos, o lugar do hoje famoso polo de moda da Região da 44, no Setor Norte Ferroviário, em Goiânia, era mais conhecido pelo amontoado de antigos depósitos abandonados que serviam de abrigos para moradores de rua e dependentes químicos, uma área degradada. A partir de 2001, a atuação de meia dúzia de pequenos empreendedores que apostaram no potencial do entroncamento de vias de grande movimento, a exemplo da própria 44, Avenidas Contorno e Independência, começou a mudar esse cenário. “Muitos me chamavam de doido, achavam que isso aqui não tinha solução, mas a transferência da Feira Hippie da Avenida Goiás para essa área, em 1995, foi o pontapé inicial para a transformação”, lembra o presidente da Associação Empresarial

da Região da 44 (AER44), Jairo Gomes, um dos comerciantes pioneiros dali.

A instalação gradual de lojas e galerias chamou a atenção do empresariado, que passou a investir cada vez mais, provocando um boom em 2006, com a região desbancando tradicionais polos confeccionistas da capital, como a Bernardo Sayão e a Avenida 85.

De lá para cá, a Região da 44 não parou mais de crescer, tornando-se o maior polo de moda do Centro-Oeste e o segundo do Brasil, com 13 mil lojas e 97 empreendimentos, entre shoppings e galerias comerciais, e movimento anual de quase R\$ 7 bilhões, o que dá ao local a quinta colocação no ranking do Produto Interno Bruto (PIB) municipal do Estado. O fluxo de negócios ali é maior do que os PIBs de Catalão (R\$ 5,6 bilhões), Itumbiara

(R\$ 3,9 bilhões) e Jataí (R\$ 3,8 bilhões), que contam com a pujança do agronegócio e a participação da indústria automobilística.

E as perspectivas são ainda melhores diante da recente aprovação, pela Câmara de Goiânia, da criação do Arranjo Produtivo Local (APL) da Moda, abrangendo 27 ruas e avenidas da capital, medida destinada a revitalizar e impulsionar áreas em que há aglomeração desses conjuntos específicos de atividades econômicas, inclusive com intervenções no trânsito. Em novembro, o lugar ganhou mais um shopping atacadista, o Mega Moda Parque. Com investimento de R\$ 160 milhões, a primeira etapa do complexo abriga 225 lojas e prevê mais 800 até 2021. Este ano, outro centro de compras, o Shopping Gallo Premium, será inaugurado, com mais de 400 lojas. E com previsão para o ano que vem, com o slogan “A oitava maravilha do mundo”, chega o Centro-Oeste Outlet, já com estande de vendas na Avenida Independência com a Rua 44. Um investimento de quase R\$ 60 milhões, o empreendimento tem à frente os empresários Marcelo Torquato, da Pitbull Jeans, e Fabricio Marques, que já possuem também o Shopping Centro-Oeste há mais de dez anos na mesma região

NÚMEROS IMPRESSIONAM

De janeiro a janeiro, a circulação de pessoas e comercialização de produtos são sempre muito intensas na Região da 44. Segundo estimativa da AER44, mais de 800 mil pessoas passam mensalmente pelos comércios locais, com vendas que alcançam R\$ 600 milhões mensais, em média. A partir de outubro, esses números crescem. “No último trimestre de 2018, recebemos mais de 5 milhões de visitantes, entre compradores de atacado e varejo, que geraram um volume financeiro superior a R\$ 1,8 bilhão”, diz Jairo.

Para o empresário, os principais fatores de atração dos turistas de compra para a região são a qualidade dos produtos, a localização estratégica e a concentração de lojas. “Goiás não faz roupa, nós pro-



● **Mega Moda Parque,** investimento de R\$ 160 milhões, abriga 225 lojas e prevê outras 800 até 2021



● **Shopping Gallo Premium:** novo empreendimento chega com mais de 400 lojas



● **Centro-Oeste Outlet,** previsto para o ano que vem: 1.141 lojas à venda



● Região da 44, às vésperas do Natal: mais de 800 mil pessoas passam mensalmente pelos comércios locais

duzimos moda de qualidade a um custo bacana, somos competitivos. O Brasil inteiro compra aqui e países do Mercosul, também. Passamos praticamente ilesos aos últimos três anos de crise econômica e seguiremos crescendo”, comemora.

Cadeia produtiva ampla e geradora de empregos

Além de tornar o comércio local cada vez mais atrativo e aquecido, a expansão da Região da 44 deve ampliar a oferta de emprego, hoje já com grande potencial. Atualmente, são gerados 150 mil postos de trabalho diretos em toda a cadeia de negócios, que envolve funcionários das lojas e da indústria de confecção, além de mais de 500 mil indiretos, segundo estimativa do presidente do Sindicato das Indústrias de Confeções de Roupas em Geral de Goiânia (Sinroupas), Edilson Borges de Sousa. Ele observa que a cadeia produtiva da confecção é ampla, passando por atacados de aviamentos e acessórios, maquinários, lavanderias industriais, acabamentos, trabalhos artesanais nas roupas, englobando também a Avenida Bernardo Sayão e o Setor Campinas. Borges mede a importância da 44 para o segmento ao apontar que por ali é escoado mais de 80% do que é produzido em Goiânia. “Somos

o maior empregador do Estado, por trás de cada loja há um polo produtivo. Isso sem contar com os milhares de empregos indiretos gerados pelos vários setores de serviços que temos aqui, como a rede hoteleira”, completa o presidente da AER44.

Para profissionalizar a mão de obra ligada aos lojistas locais, a Associação Empresarial da Região da 44 aposta na parceria com o Sistema Fieg. Jairo Gomes explica que o polo de moda surgiu sem planejamento e que agora é necessária a organização, com apoio de instituições que ajudem a consolidar o crescimento da região. “A maior parte da nossa formação de mão de obra acontece por si só, por isso precisamos aumentar a parceria com o Senai, que é uma instituição referência em qualificação profissional. Tratamos sobre isso com o presidente da Fieg, eleito recentemente, Sandro Mabel. Ele esteve aqui com um grupo de empresários e ficou maravilhado com o que viu.”

FORTALECER PARCERIA

Incentivar o desenvolvimento do segmento de moda em Goiás está entre as prioridades do novo presidente da Fieg, Sandro Mabel. Ele ressalta que o Estado precisa voltar a ser destaque no setor no Brasil e no mundo e, para isso,



● Edilson Borges de Sousa, do Sinroupas: a região da 44 esco 80% da produção de roupa de Goiânia



● Sandro Mabel: “Queremos fazer um grande trabalho em prol da moda goiana, com foco na Região da 44”

é importante unir forças com entidades como a Fecomércio, Sebrae, sindicatos da área de moda e a associação dos lojistas. “Queremos fazer um grande trabalho em prol da moda goiana, com foco na Região da 44, que já é forte, mas vai crescer ainda mais com os incentivos que vamos buscar junto ao governo para conseguir melhores condições para esses pequenos industriais. Entendemos que ao estimular o desenvolvimento dessa região atraímos mais compradores, geramos mais empregos com baixo custo e fortalecemos também as cidades do interior que atuam na área de confecção”, observa.

Para o presidente do Sindicato das Indústrias do Vestuário de Goiás (Sinvest), José Divino Arruda, a expansão da Região da 44 consolida Goiânia como centro de



● **José Divino Arruda, do Sinvest:**
“Faltam infraestrutura, planejamento
e apoio ao turista de negócio”

distribuição de moda e é muito representativa, porém o segmento tem crescido com investimentos próprios sem apoio dos governos estadual e municipal. “Faltam infraestrutura, planejamento e apoio ao turista de negócio. É preciso avançar as negociações com o poder público no sentido de criar novas alternativas, a curto e médio prazo, para receber tamanha demanda”, ressalta. “É o único turismo de negócios que Goiânia tem, pois movimentada toda a cadeia de hotéis, restaurantes, bares, shoppings e até a área médica”, acrescenta Edilson Borges.

Qualificação sob medida

Para atender à crescente demanda da Região da 44 por mão de obra qualificada, a Faculdade Senai Ítalo Bologna, no vizinho Setor Centro-Oeste, oferece variada gama de cursos específicos para o setor de confecção, como costura sob medida, corte de tecido para confecção de roupas, costureiro industrial em malha, desenho de moda, interpretação de modelos e de gerência de produção na indústria de confecção. “Dependendo do curso escolhido, em seis meses o aluno já estará apto para atuar no mercado de trabalho”, explica Hélia Maria de Faria, coordenadora técnica da Faculdade Senai Ítalo Bologna – referência em formação de



● **Cristiani Linhares (direita), da Cris Modelagem, com Jhenyfer Lyanka e Roseli Araújo:**
preferência a alunos do Senai para contratação

profissionais para o segmento de moda.

É o caso de Roseli Araújo, ex-aluna da unidade. Ela ainda estava fazendo o curso de desenho de moda quando foi contratada por um ateliê que modela roupas para mais de cem lojistas da Região da 44, a Cris Modelagem, onde trabalha há cerca de seis meses. “Fui indicada pelo Senai para fazer estágio e já fui logo efetivada. Sempre trabalhei na área de vestuário, mas queria me aperfeiçoar mais. Já fiz três cursos no Senai e ainda quero fazer outros”, diz.

Colega de trabalho de Roseli, Jhenyfer Lyanka fez o curso de costura sob medida, lançado em fevereiro do ano passado, e conta que a qualificação a ajudou a se desenvolver mais como profissional da área. “Há dois anos fiz o curso de modelagem, também no Senai Ítalo Bologna, mas sentia falta de saber costurar. Agora domino as duas técnicas”.

Proprietária do ateliê, a microempreendedora Cristiani Linhares diz que dá preferência aos alunos do Senai para contratação. “Com o crescimento da Região da 44, aumentou muito a demanda por profissionais nas diversas áreas que

envolvem a produção de vestuário, como modelista, cortador, costureira e desenho de moda. Para atuar em qualquer um desses segmentos é necessário ter uma boa formação, que alie teoria à prática. Por isso, o Senai é o caminho, a base de tudo”, ressalta.

SERVIÇOS

No ano passado, o Senai Ítalo Bologna realizou 32 cursos na área de confecção, com total de 1.269 concluintes. Os mais procurados foram os de costureiro de máquina reta e overlock, modelista, costureiro industrial em malha, costura sob medida (modelagem, corte e costura), corte de tecidos para confecção de roupas e costureiro industrial lingerie.

A instituição do Sistema Fieg mantém um espaço dentro do Shopping Mega Moda para reuniões de negócios e divulgação de serviços, além de prestar serviços de assessoria técnica e tecnológica que auxiliam as indústrias no desenvolvimento de produtos, na absorção de novas tecnologias e melhoria da qualidade e da produtividade. ♦

● Huda Ysuf Fayad, de 55 anos, acaba de concluir faculdade, após fazer o ensino médio por meio da EJA do Sesi: "Vale a pena sonhar"



PARA RECOMEÇAR NÃO TEM IDADE

Atualmente, 3,6 milhões de brasileiros encaram o desafio de voltar aos bancos de escola na fase adulta para concluir o ensino fundamental e médio. Em Goiás, o Programa de Educação de Jovens e Adultos (EJA) do Sesi matriculou mais de 4 mil pessoas em 2018

**Daniela Ribeiro e Comunicação
Sem Fronteiras**

Fotos: Alex Malheiros e Comunicação Sem Fronteiras

Aos 55 anos, Huda Ysuf Fayad, filha de árabe nascida no Brasil, acaba de realizar o grande sonho de concluir uma faculdade. Por muito tempo, o curso superior era algo distante da realidade dela, que havia estudado só até o primeiro ano do antigo magistério e teve de deixar de lado a escola ao engravidar. Em 2012, resolveu matricular-se em uma turma do Programa de Educação de Jovens e Adultos (EJA) do Serviço Social da Indústria (Sesi) da Vila Canaã, em Goiânia. Terminou o 2º grau, prestou vestibular e começou a cursar psicologia. "Tinha receio de não conseguir acompanhar as disciplinas. Tinha medo de química, física, inglês, mas voltei e nunca tirei nota ruim em nenhuma matéria."

O retorno aos estudos foi comemorado por toda a família. "Meu filho fazia o 7º ano e sentávamos para fazer as tarefas e percebemos que

estávamos vendo as mesmas disciplinas. Começamos a falar a mesma linguagem. Isso para mim foi uma conquista muito grande”, diz a psicóloga. Com diploma na mão, Huda ainda tem muitos planos. Acaba de escrever um livro e pretende publicá-lo este ano. Quer abrir um consultório e continuar estudando. “Eu sempre falo para todos que nunca deixem de sonhar. Eu nunca permiti que as circunstâncias, que as adversidades me paralisassem, pelo contrário, eu fiz delas um degrau para que eu pudesse subir e crescer. Sempre foi muito difícil, houve momentos que eu mesma pensei em desistir, mas vale a pena sonhar, vale a pena acreditar e correr atrás.”

Huda faz parte da estatística de 3,6 milhões de brasileiros que retornaram aos bancos das salas de aula nos últimos anos, por meio da Educação de Jovens e Adultos, para buscar o diploma do ensino fundamental e médio, segundo dados do Censo Escolar 2017. Em 2018, o Sesi Goiás realizou 4.377 matrículas na modalidade.

Desafio é maior no ensino fundamental

Mais da metade (60,37%) dos brasileiros que voltaram à sala de aula concentram-se no ensino fundamental. É o caso do montador de formas de concreto José Raimundo Alves da Silva, de 42 anos, que havia ficado longe dos estudos durante três décadas. No ano passado, para dar exemplo aos filhos e mostrar como a educação é essencial na vida de todos, resolveu encerrar de novo o ambiente escolar, do qual já não se lembrava direito. “Na minha juventude, na roça, o trabalho acabou me afastando dos estudos”, diz o maranhense, natural de Pastos Bons, que vive em Goiânia desde 2009.



● **Formatura no canteiro:** trabalhadores e familiares participam de ato simbólico em sala montada na construção do Residencial Gran Viena

A oportunidade surgiu no trabalho, mais especificamente em sala de aula montada no canteiro de obras do Residencial Gran Viena, empreendimento que está sendo erguido pela MRV Engenharia no setor Balneário Meia Ponte, em Goiânia. Desde abril, quando voltou a estudar, todos os dias ele encerra seu expediente às 14 horas, espera por mais duas horas até começar a aula do 6º ano do ensino fundamental no programa Escola Nota 10, desenvolvido pela MRV em parceria com o Sesi.

Com pouco mais de seis meses de volta aos estudos, a empolgação pela aquisição do conhecimento tomou conta de José Raimundo, que já fala em terminar o ensino médio e fazer uma faculdade. “Eu quero seguir”, diz o funcionário da MRV Engenharia, que tem hoje ambições bem maiores das que tinha quando chegou à capital.

Colega de José Raimundo na obra do residencial Gran Viena, o armador de estruturas metálicas Claudemir Pedro de Souza também enfrentou neste ano o desafio de voltar ao banco de escola na fase adulta. As dificuldades econômicas da família em Serra Talhada (PE) haviam



● **José Raimundo Alves da Silva, montador de formas de concreto da MRV Engenharia: volta à escola após três décadas**

levado o operário à evasão escolar, na década de 1990, quando ele tinha 14 anos e largou tudo para poder trabalhar. Se a situação tivesse ocorrido hoje, Claudemir entraria numa estatística do Banco Mundial divulgada recentemente, de que jovens de 15 a 25 anos cujas famílias são afetadas por cortes nos rendimentos têm 2,3% mais probabilidade de se afastar da escola. Quando a idade é um pouco maior de 18 anos, essas chances aumentam e chegam a 4,5%. ►



“ISSO REPRESENTA MUITO PARA NÓS, DA CONSTRUTORA, MAS SOBRETUDO PARA ELES, QUE VEEM NA RETOMADA DOS ESTUDOS A ESPERANÇA DE CHEGAR MAIS LONGE E REALIZAR SEUS SONHOS.”

MIGUEL COSTA JÚNIOR, engenheiro coordenador de obras da MRV

QUALIFICAÇÃO

A falta da qualificação acadêmica cobra um preço caro no mercado de trabalho e Claudemir sabe bem disso. “A gente precisa do estudo. Já perdi oportunidades de emprego por causa disso”, revela o operário, que faz atualmente o 6º ano do ensino fundamental e sonha com um curso na área da comunicação social. Ele quer ser radialista e fonte de inspiração para os três filhos, Camille Victória, Clawan Pedro e Caylanne Santos, todos eles ainda crianças.

José Raimundo, Claudemir e mais oito profissionais da MRV Engenharia comemoraram uma conquista recente. Eles receberam, em outubro, o certificado



● **Claudemir Pedro de Souza, da MRV Engenharia: ensino fundamental e sonho de curso superior**

de conclusão do 5º ano do ensino fundamental no programa Escola Nota 10. O feito mereceu até formatura simbólica, com presença de familiares no evento, que ocorreu no próprio canteiro de obras.

“Isso representa muito para nós, da construtora, mas sobretudo para eles, que veem na retomada dos estudos a esperança de chegar mais longe e realizar seus sonhos”, argumenta o engenheiro coordenador de obras da MRV, Miguel Costa Júnior. Além da alfabetização, o Escola Nota 10 busca fazer também a inclusão digital dos colaboradores da empresa. O programa é realizado em parceria com o Sesi, que fornece os livros de aprendizagem, professores e a metodologia de ensino. A MRV, por sua vez, encarrega-se dos espaços físicos e de materiais escolares cedidos sem custo aos alunos.

EM GOIÁS E NO BRASIL

No Estado, além de Goiânia, Aparecida de Goiânia também tem, por meio da MRV, um programa de ensino para adultos profissionais da construção civil realizado em parceria com o Sesi. No município, a construtora possui 28 alunos matriculados

na Escola Nota 10 instalada na obra do residencial Gran América, na região central da cidade. Considerando os 22 Estados onde a companhia opera, o programa de alfabetização e inclusão digital já formou mais de 4 mil profissionais da construtora desde 2011, quando foi idealizada a iniciativa.

Nos últimos sete anos, Goiás recebeu 7 das 180 escolas montadas em canteiros de obras da MRV no Brasil e alfabetizou, no Estado, mais de 160 colaboradores da empresa. Segundo a coordenadora pedagógica do Sesi, Laís de Paiva Sabino, a alfabetização do público do EJA proporciona autonomia, autodesenvolvimento e ascensão econômica das famílias. “O EJA propõe ao aluno trabalhar a formação básica necessária ao desenvolvimento de seus potenciais, qualificando-o para desempenhar de forma mais plena suas funções na indústria”, acrescenta. O professor de Ciências Humanas Thyago de Souza acrescenta que o conhecimento científico ministrado em sala de aula visa proporcionar uma leitura “diferente” daquilo que os operários já vivem no trabalho e na cidade. ◆

SANTO DE CASA PRECISA FAZER MILAGRES

Há 20 anos, IEL qualifica fornecedores, por meio do PDF Goiás, e contribui para a evolução socioeconômica do Estado

Sérgio Lessa

Fotos: Alex Malheiros, Sílvia Simões, Adenilson Passos e Célia Aparecida

Em 1999, durante o Seminário de Oportunidades e Negócios, em Rio Verde, no Sudoeste Goiano, o IEL Goiás lançou um de seus projetos mais bem-sucedidos, inicialmente chamado de Programa de Qualificação de Fornecedores (PQF).

O agora Programa de Desenvolvimento de Fornecedores (PDF Goiás) – como passou a ser chamado em 2013 – chega a 20 anos com números expressivos, com sua parcela de contribuição para o desenvolvimento socioeconômico do Estado, fortalecendo as relações comerciais, a confiança entre grandes empresas e fornecedores, o desenvolvimento industrial, além da geração de renda, emprego e sustentabilidade. São mais de 700 empresas fornecedoras certificadas, 30 municípios contemplados em várias regiões e cerca de cem empresas-âncoras beneficiadas.

“Ao longo dos anos, sempre observamos sensível evolução que as empresas participantes de nosso programa apresentaram. Os fornecedores não precisam ser grandes na estrutura física, mas na vontade de crescer. Queremos que sejam grandes a ponto de não dependerem apenas de uma indústria, mas que possam expandir



● **Humberto Oliveira (IEL) e Ubiratan Lopes (Facieg)** firmam parceria no âmbito do PDF, observados por Jackeline Zaiden

seus negócios e, um dia, caminhar com autonomia”, ressalta Sandra Márcia Silva, coordenadora do PDF e gerente de Desenvolvimento Empresarial do IEL Goiás.

INVADINDO O INTERIOR

Ainda há muito a ser explorado e desenvolvido no interior goiano no que diz respeito à qualificação de fornecedores. Por meio de pesquisa recente, o IEL detectou que mais de 60% das grandes empresas atuantes no interior de Goiás realizavam suas compras no Estado, porém apenas 22% nos municípios em que estavam instaladas.

A situação eleva os custos das empresas, os negócios locais ficam estagnados e praticamente não há desenvolvimento regional. Ainda há necessidade da criação



● **“Os fornecedores não precisam ser grandes na estrutura física, mas na vontade de crescer.” Sandra Márcia Silva, coordenadora do PDF e gerente de Desenvolvimento Empresarial do IEL Goiás**

de oportunidades de negócios por meio de estratégias que fomentem uma cadeia de fornecedores, aproximando demanda e oferta.

O objetivo do IEL em 2019 é fazer com que o PDF Goiás seja disseminado por muitos outros municípios goianos. Parceria firmada, em dezembro de 2018, com a Federação das Associações Comerciais, Indústria e Agropecuária do Estado de Goiás (Facieg), busca aproximar o programa das entidades e dos empresários dos mais de 70 municípios goianos de seu raio de abrangência.

“É muito importante para nós, do IEL, trabalhar a inserção das associações no escopo do projeto, aproximando o PDF das associações e dos empresários locais. O desenvolvimento dessas empresas impacta diretamente na sociedade”, salienta Humberto Oliveira, superintendente do IEL Goiás.

“O PDF Goiás já foi desenvolvido em alguns segmentos, como a mineração, e teve grande êxito. Agora, estamos ampliando para outros segmentos, como as usinas de álcool e açúcar. A capilaridade da Facieg é muito grande e, com essa parceria, levaremos para os fornecedores e as grandes empresas se desenvolverem ainda mais”, acrescenta Ubiratan da Silva Lopes, presidente da Facieg.

Para este ano, o IEL pretende desenvolver inúmeras ideias que incrementarão o PDF Goiás. Entre elas, está o 1º Fórum de Suprimentos – em data a ser definida –, destinado a alavancar o número de compras dentro do Estado, consequentemente, contribuindo para o aumento de emprego e renda das regiões onde as empresas estão instaladas.

Também estão na pauta do IEL em 2019 a realização de Rodadas de Negócios nos principais polos industriais do Estado; a formação de grupos em Itumbiara, em parceria com a Associação Comercial e Industrial (ACII) e empresas locais; em Catalão, em parceria com as minerado-



“O PDF Goiás é importante para fomentar o desenvolvimento local, de forma organizada, valorizando as empresas da região, podendo gerar mais emprego e renda.”

DANIEL DAHER JÚNIOR, gerente geral da Yamana Gold



● **Ewerton Trindade, gerente-geral de Serviços e Suporte da AngloGold Ashanti:** “As fornecedoras demonstraram que querem aprimorar, gerar trabalho, renda e contribuir para uma sociedade melhor”

ras CMOC e Mosaic; em Goiânia, com o segmento alimentício; um grupo com o segmento sucroalcooleiro; a criação do Cadastro de Fornecedores do Estado, contando todos aqueles já desenvolvidos pelo

programa, para disponibilizar às empresas compradoras; além da manutenção dos trabalhos realizados com as mineradoras AngloGold Ashanti e Yamana Gold, no Norte do Estado. Todo o trabalho é feito em parceria com Sesi, Senai, Sebrae, prefeituras e associações comerciais locais.

Mineradoras comemoram parceria com IEL Goiás

Mais de cem grandes empresas instaladas no Estado já receberam o Programa de Desenvolvimento de Fornecedores (PDF Goiás) nos últimos 20 anos. Atualmente, duas delas – a sul-africana AngloGold Ashanti e a canadense Yamana Gold, especializadas na extração de ouro e cobre – destacam-se na área de mineração, segmento que ocupa atualmente uma posição de ponta na pauta de exportações de Goiás.

Juntas, as multinacionais investiram quase R\$ 1 bilhão em pesquisas, desenvolvimento e ampliação da lavra. São mais de 50 mil pessoas impactadas direta e indiretamente pelas ações das duas mineradoras nas regiões em que estão instaladas. O programa também já foi desenvolvido em outras cidades, como Barro Alto e Goiânia, no Centro Goiano, Niquelândia e Uruaçu, no Norte.

Baseada em Crixás, no Norte, a 338 km de Goiânia, onde recebe o nome de Mineração Serra Grande, a AngloGold Ashanti aderiu ao PDF Goiás em 2013, o que contribuiu significativamente para a região. Na avaliação do gerente geral de serviços e suporte da AngloGold Ashanti, Ewerton Trindade, a certificação dos fornecedores representa o aprimoramento do potencial para atender às demandas das mineradoras, possibilitando o crescimento da Região Norte Goiano.

“As fornecedoras demonstraram que querem aprimorar, gerar trabalho, renda e contribuir para uma sociedade melhor.

Todas que participaram merecem nosso reconhecimento”, avalia o gerente-geral de Serviços e Suporte da AngloGold Ashanti, Ewerton Trindade.

Nos cinco anos de parceria entre o IEL e a mineradora, as quase 50 empresas fornecedoras já receberam cerca de 500 horas de consultorias, 400 horas de capacitação, contando com mais de 500 pessoas qualificadas pelo programa. Os investimentos ultrapassam R\$ 1 milhão, com retorno progressivo.

Já a Yamana Gold, que também opera no Norte goiano, aderiu ao programa em novembro de 2018. A empresa está instalada em Alto Horizonte (a 331 km de Goiânia), onde é conhecida pelo nome de Mineração Maracá, mas abrange também os municípios de Campinorte e Nova Iguaçu. “Temos uma carência grande de parceiros que possam fornecer serviços e produtos naquela região. Temos de buscar isso longe. O momento é este para desenvolvermos um trabalho mais robusto frente à mineração. O PDF Goiás é importante para fomentar o desenvolvimento local, de forma organizada, valorizando as empresas da região, podendo gerar mais emprego e renda”, afirma Daniel Daher Júnior, gerente geral da Yamana Gold.

Segundo Daher, a Yamana Gold tem um projeto em estudo de expansão da planta e outro que busca ampliar a produção de cobre e ouro nos próximos anos na região. A previsão de investimentos gira na casa de R\$ 1,2 bilhão.

Atualmente, os fornecedores das mineradoras atuam nas áreas de eventos, confecção, construção civil, transporte, mecânica automotiva, serviço e indústria em geral, fabricação, comunicação, publicidade, montagem e manutenção industrial, entre outras. Os cursos e consultorias ministrados tratam de assuntos como planejamento estratégico, marketing digital, capital de giro, liderança, vendas, além de gestões de estoque, financeira e de pessoas, entre outras.

Fornecedores atestam crescimento a partir do PDF Goiás

Beneficiadas pela aplicação do PDF Goiás, micro e pequenas empresas recebem consultorias e capacitações gratuitamente, já que o programa é financiado pelas empresas-âncoras – prefeituras e associações comerciais, industriais e agropecuárias locais também apoiam. Assim, os investimentos feitos pelo empresariado são exclusivamente em suas próprias empresas.

Uma das vertentes do programa é a promoção contínua da competitividade na cadeia de suprimentos, favorecendo não só resultados imediatos para os fornecedores, mas capacitação promotora de eficiência, de gestão moderna e de sustentabilidade. Assim, os empresários locais fazem investimentos em infraestrutura, equipamentos, melhoram o atendimento e a qualidade dos produtos/serviços ofertados.

Em Crixás, por exemplo, a Agrovét conseguiu empréstimo da Goiás Fomento, que tem parceria com o IEL Goiás, disponibilizando linhas de crédito exclusivas – de até R\$ 4 milhões, com taxas de juros reduzidas – para participantes do PDF Goiás. Na avaliação feita em 2018, foi constatado crescimento de 63,5% no nível de gestão das empresas que estão no programa desde 2014 contra 30,5% das que entraram em 2017.

“Crixás está em desenvolvimento e isso tem a participação das pessoas locais, da mineradora e do IEL nos trazendo oportunidades”, atesta a empresária Susete Lessa, proprietária da Casa Lessa Materiais de Construção, participante desde o 1º ciclo do PDF Goiás em Crixás.

A recente chegada do PDF no Norte empolgou empresários de Alto Horizonte, Campinorte e Nova Iguaçu, que miram exemplos de avanços de fornecedores de outras cidades.

“O maior ganho é a capacitação de nossa empresa para atender outras empresas de grande porte de outros Estados, além de nos capacitar para atendermos melhor



● **Susete Lessa, da Casa Lessa Materiais de Construção:** “Crixás está em desenvolvimento e isso tem a participação das pessoas locais, da mineradora e do IEL nos trazendo oportunidades”



● **Leonardo Ribeiro, da Singular Soluções e Consultoria, ao lado de Antônio Humberto Nunes, presidente da Associação Comercial e Industrial de Campinorte:** “O PDF veio em ótima hora para sanar nossas deficiências, pois chegamos a um limite em que temos de nos reestruturar para poder crescer”

a Yamana Gold. Nossa ideia é expandir nossos negócios para outros Estados e, para tanto, temos de capacitar nossos profissionais, melhorar e criar novos procedimentos”, salienta Leonardo Ribeiro, sócio proprietário da Singular Soluções e Consultoria, que trabalha com desenvolvimento de sistemas, em Campinorte, e atende cinco mineradoras, no Brasil, uma no México, além de duas companhias energéticas.

“O PDF veio em ótima hora para sanar nossas deficiências, pois chegamos a um limite em que temos de nos reestruturar para poder crescer”, completa. ♦



A evolução dirigida de Frances Arnold transformando a indústria

Carlos Alberto Xavier Gonçalves (*)

Atela do computador ou do celular em que você lê este texto neste momento, assim como os semicondutores presentes em seus componentes internos, contêm, em sua constituição, moléculas nas quais estão presentes certas ligações químicas bastante raras na natureza, mas muito úteis na indústria: as ligações entre átomos de carbono e de silício. Encontradas também em muitos outros setores econômicos, como em fármacos, compostos adesivos, tinturas e repelentes, as ligações carbono-silício são bastante complicadas de serem produzidas sinteticamente, em geral envolvendo o uso de solventes tóxicos e de metais pesados. Mas se depender de Frances Arnold, co-laureada com o Prêmio Nobel de Química de 2018, a indústria está prestes a deixar esses tempos para trás. A pesquisadora, que ocupa o cargo de Professora Linus Pauling de Engenharia Química, Bioengenharia e Bioquímica da Universidade Caltech, nos Estados Unidos, recebeu a mais alta honraria da ciência por desenvolver um revolucionário método de aprimoramento de enzimas, denominado evolução dirigida, que pode ser usado para manufaturar tudo, desde biocombustíveis até farmacêuticos.

A técnica foi originalmente publicada por Arnold na década de 1990 e já foi aplicada em diferentes proteínas de interesse para a indústria. Em um desses

casos, a equipe da professora foi capaz de identificar, em uma bactéria que habita fontes termais submarinas na Islândia, uma enzima com baixíssima atividade de criação das ligações carbono-silício quando forçada em laboratório. Após apenas três repetições do processo de evolução dirigida, Arnold e seus colaboradores haviam obtido uma versão dessa enzima capaz de criar esse tipo de ligação química de maneira 15 vezes mais eficiente que o melhor catalisador químico conhecido, e ainda por cima com alta especificidade, em temperatura ambiente, em meio aquoso e sem depender de nenhum material tóxico.

Outras publicações recentes da cientista premiada incluem o uso da tecnologia na otimização de enzimas para o estabelecimento de ligações químicas do tipo carbono-boro e para a criação de moléculas de biciclobutano, que contêm anéis de carbono de alta energia que são bem difíceis de serem produzidos. Mas não somente o grupo de pesquisa de Arnold tem utilizado a técnica. A Merck, gigante do setor farmacêutico, fez uso do processo de evolução dirigida para criar a droga Januvia para o tratamento de diabetes, aproveitando-se da oportunidade de exploração comercial de enzimas desenvolvidas pelo método, que não foi patenteado pela inventora.

Resultado de três anos de intenso trabalho, a evolução dirigida estabelece

um rompimento com o paradigma de que experimentos científicos desse tipo deveriam ser feitos somente a partir de um design racional e planejado, construídos em cima do conhecimento disponível a respeito do funcionamento das proteínas. Ainda que possam ser amparadas por softwares e métodos que permitam realizar algumas simulações dentro do universo conhecido de possibilidades, abordagens não racionais como essa têm se mostrado alternativas muito mais economicamente viáveis para alcançar resultados eficientes ao lidar com sistemas complexos demais para serem completamente modelados.

Uma abordagem similar é a evolução dirigida de organismos, utilizada na plataforma de Biologia Sintética do Instituto Senai de Inovação Biossintéticos, do Senai Cetiqt, no desenvolvimento de linhagens de organismos mais adaptados ao crescimento em condições específicas, tais como em certas faixas normalmente abaixo do ideal de temperatura e pH, ou em meio contendo substâncias normalmente tóxicas, o que propicia ainda mais possibilidades em inovação tecnológica, a serem exploradas pelos nossos parceiros.

(*) **Carlos Alberto Xavier Gonçalves** é bacharel em Ciências Biológicas, mestre e doutorando em Bioinformática. Atualmente, é pesquisador na plataforma de Biotecnologia do Instituto Senai de Inovação Biossintéticos, no Senai Cetiqt. ♦

TEM GOIABA NO ESFOLIANTE

Facinatus troca o polímero, fatal para o meio ambiente, pela semente de uma das mais populares frutas do Cerrado na produção de cosmético

Nascida na Vila Brasília, em Aparecida de Goiânia, em sua própria casa por Sônia Menezes, hoje diretora financeira da empresa, e por seu filho, Henner Menezes, que responde atualmente pela diretoria comercial, a Facinatus investe por ano em torno de R\$ 2,5 milhões apenas em pesquisa, desenvolvimento e lançamento de produtos. Seu portfólio, que já inclui mais de 500 produtos e apresentações de cosméticos de linhas variadas, ganhou recentemente um esfoliante corporal à base de sementes de goiaba que assegurou à empresa o Prêmio Crea Goiás de Meio Ambiente, na categoria de inovação tecnológica.

Desenvolvida em parceria com o Instituto Senai de Tecnologia em Alimentos e Bebidas e a Universidade Federal de Goiás (UFG), além do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), a nova versão de esfoliante, afirma Lúcio Délio, gerente comercial da empresa, reaproveita resíduos da produção de doces e sucos da agroindústria da goiaba. A matéria-prima substitui polímeros, as ameaçadoras microesferas de plástico, utilizados em cosméticos convencionais. O projeto recebeu apoio ainda do Edital de Inovação para a Indústria, do Senai, que colocou à disposição da Facinatus em torno de R\$ 300 mil em recursos não reembolsáveis.

No mercado há cerca de um ano, o esfoliante à base de sementes de goiaba deverá ganhar companhia em breve, já que

a empresa tem planos de expandir a linha natural. Até o momento são utilizados em torno de 200 quilos de sementes por mês para a produção de alguma coisa ao redor de 15,0 mil bisnagas de 200 mililitros do cosmético. No ano passado, foram lançados 86 novos produtos e mais 90 estão planejados para este ano.

Transferida para o Polo Empresarial Brasília desde 2008, a Facinatus investiu em torno de R\$ 6,0 milhões nos últimos dois anos na expansão de sua unidade, instalada numa área de 20 mil metros quadrados dos quais perto de 5,0 mil m² são ocupados pela fábrica, depósitos e instalações administrativas, depois de concluído o projeto de ampliação. O investimento permitiu à indústria incorporar mais 2,8 mil m² a sua área construída, com a instalação de novos galpões de expedição, maquinário, construção de três mezaninos e de um inédito, para a região Centro-Oeste, laboratório de microbiologia, de acordo com Délio. A Facinatus vai realizar ali todo o processo de controle de qualidade, pesquisa e desenvolvimento de produtos.

Depois de ter registrado taxas de crescimento muito próximas e mesmo levemente acima de 50%, a exemplo de 2017, a empresa anotou alta de 14,76% nas vendas no ano passado e espera avançar

● **Henner Menezes, diretor da Facinatus, exhibe troféu do Prêmio Crea Goiás de Meio Ambiente**, ao lado de Nathália Barbosa (UFG), Karolline Fernandes Siqueira (IST Alimentos e Bebidas), Pedro Alves de Oliveira (Fieg) e Paulo Vargas, diretor regional do Senai

entre 20% e 25% neste ano, projeta Délio. Ele lembra que os resultados de 2018 foram mais comemorados do que os de anos anteriores, considerando-se as dificuldades enfrentadas no período, com crise política, Copa do Mundo na Rússia, greve de caminhoneiros e eleições na sequência. “Não vamos retomar o ritmo anterior à crise econômica tão cedo”, acredita o gerente. O mercado externo também está sob a mira da empresa, que espera realizar o primeiro embarque até maio, com destino ao Uruguai e ao Paraguai. Por enquanto, a empresa goiana vai produzir em regime de terceirização os cosméticos que o Grupo Romance, dono da marca Favorita, vai exportar.

No mercado doméstico, a indústria trabalha em um projeto de franquias e está terminando os projetos arquitetônico e de design da futura Casa Facinatus. A primeira deverá ser montada em Aparecida de Goiânia, por volta de maio ou junho deste ano, na Avenida Igualdade, no setor Garavelo, em parceria com um distribuidor da marca do mesmo município. ♦



Alex Matheiros



● **ITALIANÍSSIMOS** - Criadores do tradicional Festival de Nova Veneza, o empresário Oswaldo Stival (Cooperfrigu), de 87 anos, e sua mulher, Edith Peixoto Stival, de 81, comemoram o lançamento do livro **O Amor em Uma Nova Veneza, A História de Oswaldo & Edith**. O casal, de alma italiana e agora com trajetória narrada em saga literária, teve a biografia feita com pesquisa de Ubirajara Galli, assinada por Alberto Araújo e Gercycley Batista, com curadoria do neto deles, o médico Alessandro Rios Stival.



● **CAFÉ, HISTÓRIA E SOLIDARIEDADE** - Arquiteta Juliana Mesquita entre Andrea Korosue (esquerda) e Soninha Naoum, em evento recente de inauguração do Divino Lounge Café, novo espaço que integra o Quinta Santa Bárbara Eco Resort, em construção pela Prumus Construtora, no Largo do Bonfim, no centro histórico de Pirenópolis. Os eventos realizados no café, com capacidade para 50 pessoas, tais como aniversários, casamentos e outras comemorações, terão parte da renda destinada à Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (Apae) pirenopolina, que mantém 40 crianças com necessidades especiais.

● **SAÚDE MENTAL (1)** - O projeto Saúde de Mental da Construção, do Serviço Social da Indústria da Construção (Seconci Goiás), presidido por Célio Eustáquio de Moura, começou o ano com a campanha Janeiro Branco. Idealizador da iniciativa, o empresário Ivo Corrêa Faria (foto), diretor executivo da Pontal Engenharia, apostou no serviço de prevenção e tratamento para seus colaboradores com o slogan "mentes saudáveis constroem felicidade". Uma das obras da construtora, edifício residencial pontal Ecolife Bueno, sediou dia 18 de janeiro maratona de palestra e atendimento comandada por técnico de segurança e psicólogo do Seconci.



● **SAÚDE MENTAL (2)** - Segundo dados da Organização Mundial da Saúde (OMS), o número de pessoas com depressão aumentou 18,4% na última década e 4,4% da população mundial sofre com a doença, o que representa cerca de 322 milhões de indivíduos. No Brasil, 5,8% dos habitantes sofrem com esse problema, taxa que é a maior da América Latina. A depressão é a principal causa de incapacidade laboral no Planeta, gera outras doenças e, nos casos mais graves, leva ao suicídio.



● **CAMPEÃO EMPREENDEDOR** - Campeão goiano 2018 de motocross, categoria NX1, o goianiense Wellington Garcia, de 29 anos, comemora os dois anos de sua indústria de açaí, a Boora. Piloto desde os 5 anos, ele decidiu abrir sua fábrica quando se aposentou das viagens para disputas regionais, em que ganhou 40 prêmios, e provas nacionais do Campeonato Brasileiro e do Arena Cross, que venceu mais de dez vezes. "Para o fim do ano, planejo abrir uma loja para vender meu açaí. A matéria-prima de qualidade vinda de Igarapemirim, no Pará, é um grande diferencial do meu produto", destaca o atleta, que decidiu desacelerar depois da trajetória de 25 anos.



● **COM QUE ROUPA?** - Vestido infantil de festa é a especialidade da dobradinha das marcas goianienses Kopela e Amoreco, que encantam em criações marcadas por zibelines, florais e rendas. A primeira é comandada pela estilista Beth Ctenas (esquerda), que contabiliza duas décadas no ramo e que, no fim de 2018, brilhou com estande na Opera, em São Paulo, uma das maiores feiras de moda infantil da América Latina. Em Goiânia, suas peças podem ser encontradas na Amoreco, de Ludmyla Vasconcelos, que também assina pérolas vendidas em sua loja ateliê no Setor Marista.

● **AROMAS** - Da Chapada dos Veadeiros para o relaxamento de pessoas em várias regiões dentro e fora do País, os óleos essenciais industrializados na Terra Flor são orgulho dos empresários Luciane Schoppa e Marcelo Pinheiro. O casal, que adotou os nomes Vishwa e Vistar, inaugurou nova sede da indústria deles em Alto Paraíso. Em Goiânia, o produto, usado em massagens, banho e aromatização de ambientes, pode ser encontrado em spas como o Dhyana, de Suzana Rossi e Marcos Marcelo de Sousa, que inauguraram filial no Jardim Goiás no ano passado.



Fotos: Alex Malheiros

FIEG ANÁPOLIS

NOVA SEDE ABRIGA SINDICATOS - De casa nova, a Fieg Regional Anápolis já está funcionando na estrutura entregue em dezembro, juntamente com os sindicatos das indústrias sediados no município. Inaugurada com festa especial, a sede foi batizada de Edifício Capitão Waldyr O'Dwyer, homenageando o primeiro presidente e presidente de honra da entidade, que compareceu ao evento com seus familiares. Pioneiro da industrialização de Goiás, o empresário completou em julho 102 anos. A inauguração, capitaneada pelo presidente da regional, Wilson de Oliveira, contou com presença do então presidente da Fieg, Pedro Alves, e do presidente eleito e já empossado, Sandro Mabel, além de dezenas de autoridades classistas e políticas. Na foto abaixo, o capitão Waldyr, entre Paulo Afonso Ferreira e Bill O'Dwyer, diante do prédio que leva seu nome.



CONFRATERNIZAÇÃO - O presidente da Fieg Regional Anápolis, Wilson de Oliveira, reuniu os presidentes dos sindicatos das indústrias e os colaboradores da entidade em almoço de confraternização de final de ano (foto), no Restaurante Árabe do Intercity Hotel, no dia 10 de dezembro. Na oportunidade, Oliveira ressaltou que 2019 será um ano de mudanças, devido à troca de comando na presidência da Fieg, bem como pelas adaptações à mudança para a sede própria da regional. “Estamos preparados, temos um grupo muito unido, que é uma família. E, além de tudo, temos muita disposição para trabalhar nessa nova fase da nossa Federação”, pontuou Wilson de Oliveira.



SIAEG

NOVA DIREÇÃO - Dono da Creme Mel, o empresário Antônio Benedito dos Santos tomou posse como presidente do Sindicato da Indústria da Alimentação no Estado de Goiás (Siaeg), no dia 13 de dezembro, para mandato até 5 de maio de 2020, substituindo Sandro Mabel, que assumiu a presidência da Fieg. "Assumo novamente a presidência do Siaeg e confesso que não é fácil substituir o Sandro, porque ele sempre fez um trabalho muito bem feito, é um excelente gestor", comentou Seu Toninho – na foto, com Jaques Jamil Silvério (Sincafé), Sarkis Nabi Curi (Câmara da Indústria da Construção), Sandro Mabel e Flávio Santana Rassi, vice-presidente da Fieg. "Na medida do possível", continuou ele, "e com a ajuda da equipe de trabalho da entidade, quero manter a excelência do Siaeg no atendimento às necessidades das indústrias." Também integrante do Conselho Regional do Senai, como representante da indústria, um de seus planos é dar sequência ao carro-chefe do sindicato, o Programa Alimento Confiável, que atesta a qualidade do produto industrializado, com uma maior ênfase para a divulgação, para que o empresário entenda a confiabilidade que o selo traz para o produto.

SIAGO

CASCA DE ARROZ - O presidente do Sindicato das Indústrias do Arroz no Estado de Goiás (Siago), Jerry Alexandre de Oliveira Paula, fala durante o workshop Solução para Casca de Arroz, realizado pelo Instituto Senai de Tecnologia em Alimentos e Bebidas, com participação do Senai Nacional, além de empresários do setor.



Alex Maheiras

FIEG

HOMENAGEM DA ACIA - O ex-presidente da Federação das Indústrias do Estado de Goiás (Fieg), Pedro Alves, fez um balanço dos oito anos de sua gestão à frente da entidade, durante reunião ordinária da Associação Comercial e Industrial de Anápolis (Acia), no dia 28 de novembro. Ele ainda recebeu a Medalha e o Diploma de Mérito conferidos pela entidade, em reconhecimento à sua atuação em favor da indústria goiana (foto). A reunião foi conduzida pelo empresário Anastácios Apostolos Dagios, que além da Acia preside o Sindicato das Indústrias da Construção e do Mobiliário (Sinduscon) de Anápolis.



**SIFAEG**

100 MAIS INFLUENTES - Pela segunda vez, repetindo 2016, o executivo André Rocha, presidente do Sindicato da Indústria de Fabricação de Etanol do Estado de Goiás (Sifaeg) e do Fórum Nacional Sucroenergético, foi eleito em dezembro para o prêmio 100 Mais Influentes da Energia de 2018, categoria Referência. A iniciativa é do Grupo Mídia, por meio da revista Full Energy, especializada em energia. O prêmio, considerado o Oscar da Energia, já em sua terceira edição, homenageia os executivos, empresários e personalidades que mais se destacaram nas diferentes áreas do setor energético brasileiro. “Temos o desafio de produzir mais energia e etanol para suprir o aumento da demanda. Com a implementação do RenovaBio, nossa meta é a conclusão da regulamentação do programa para que ele esteja em operação a partir de 2020 para colocar efetivamente o Brasil em um novo patamar de valorização da energia limpa e renovável”, declara Rocha.

FÓRUM ENERGÉTICO - Primeiro vice-presidente da Fieg, André Rocha, juntamente com outros representantes de entidades e associações dos setores de petróleo, gás e biocombustíveis, participou de reunião (foto) com o Ministro de Minas e Energia, Bento Albuquerque, no dia 23 de janeiro, em Brasília. A primeira agenda de trabalho do fórum com o ministro teve como um dos principais assuntos a continuidade da implantação do RenovaBio. Segundo Bento Albuquerque, o governo irá promover todas as condições necessárias para que o projeto vire realidade e possa assim gerar no Brasil segurança no abastecimento de biocombustíveis com sustentabilidade e preços competitivos. “Aproveitei também para destacar a importância do setor para o meio ambiente, saúde pública, interiorização do desenvolvimento, fortalecimento da indústria nacional, peso da atividade na balança comercial, participação na matriz energética e também a importância do etanol para o consumidor, que tem um produto limpo, renovável e mais barato”, afirma Rocha

Saulo Cruz/MME



SIGEGO

GRÁFICAS NACIONAIS

Aprovado em 17 de dezembro pela Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) da Câmara, o Projeto de Lei 7867/14, de autoria do deputado Vicentinho (PT-SP), já se encontra no Senado para votação. Considerado avanço pelo setor gráfico, o projeto determina que a impressão de livros didáticos adquiridos pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), assim como de livros comprados

com recursos da Lei Rouanet (8.313/91), seja feita somente por empresas instaladas no Brasil. “A medida assegura à indústria gráfica pelo menos uma fatia do dinheiro de brasileiros. Vai ser mais uma forma de assegurar a sobrevivência do setor, que tem sido massacrado pelas mudanças tecnológicas aceleradas e pelos baixos preços que tem sido obrigado a praticar”, comenta o presidente do Sindicato das Indústrias Gráficas no Estado de Goiás (Sigego) e vice da Fieg, Antônio Almeida (foto). Ele destaca ainda o fato de o projeto proibir a terceirização de qualquer etapa da impressão para empresas sediadas no exterior.



SINDIFARGO

CURSO DE CAPACITAÇÃO

O Sindicato das Indústrias Farmacêuticas no Estado de Goiás (Sindifargo) realizou em Anápolis, no final de novembro, curso de capacitação sobre boas práticas de distribuição e fracionamento de insumos farmacêuticos. O evento de imersão, no Denali Hotel, durou dois dias, com ampla programação direcionada aos profissionais da indústria farmacêutica goiana e participação de integrantes da Visa de Anápolis e de outras cidades, além da presença de quatro especialistas de São Paulo.

CONFERÊNCIA INTERNACIONAL

Realizada em novembro, na Casa da Indústria, em Goiânia, conferência internacional tratou de desafios e modernas soluções na fabricação de medicamentos injetáveis. O evento foi uma parceria da Academia de Ciências Farmacêuticas do Brasil/Academia Nacional de Farmácia - ACFB/ANF, Sindicato das Indústrias Farmacêuticas no Estado de Goiás (Sindifargo) e Ompi - Stevanato Group. A conferência, com foco em conteúdos aplicados à garantia da qualidade e eficiência da fabricação de medicamentos injetáveis, teve como público-alvo os profissionais que atuam nas áreas de fabricação, controle e segurança da qualidade, de desenvolvimento tecnológico e de assuntos regulatórios da indústria farmacêutica.

SIMPLAGO

TAMPINHA LEGAL - As entidades assistenciais de Goiânia interessadas em participar do programa Tampinha Legal já podem se cadastrar no site do Sindicato das Indústrias de Material Plástico do Estado de Goiás (Simplago), no link <https://tampinhalegal.com.br/site/cadastre-sua-entidade/>. Desenvolvido pelo Instituto SustenPlást, ligado ao Sindicato das Indústrias de Material Plástico no Estado do Rio Grande do Sul (Sinplast), e lançado em 2016 durante a segunda edição do Congresso Brasileiro do Plástico (CBP), o programa arrecadou 130,5 toneladas de tampinhas plásticas entre março de 2017 e dezembro do ano passado, destinadas a reciclagem e reaproveitamento pela indústria do setor, evitando seu descarte em aterros sanitários ou na natureza. A proposta é conscientizar a sociedade para a necessidade de separação e destinação das tampinhas a pontos determinados de coleta, de onde serão recolhidas por entidades assistenciais cadastradas, que serão, ao final do processo, beneficiadas pela receita integral da venda do material a recicladores. Em Goiás, o programa recebeu o apoio do Simplago, presidido por Bruno Franco Beraldi Coelho (foto).



SINDICATOS COM SEDE NO EDIFÍCIO PEDRO ALVES DE OLIVEIRA

Rua 200, Quadra 67-C, Lote 1/5, nº 1.121 - Setor Vila Nova, em frente à Casa da Indústria - Goiânia-GO, CEP: 74645-230

SINPROCIMENTO

Sindicato da Indústria de Produtos de Cimento do Estado de Goiás

Presidente: Olavo Martins Barros
Fone: (62) 3224-0456/Fax 3224-0338
sinprocimento@gmail.com

SINDIREPA

Sindicato da Indústria de Reparação de Veículos e Acessórios do Estado de Goiás

Presidente: Alyson Jose Nogueira
Telefone (62) 3224-0121/ 3224-0012
sindirepa@sistemafieg.org.br

SINDIAREIA

Sindicato das Empresas de Extração de Areia do Estado de Goiás

Presidente: Gilberto Martins da Costa
Fone/Fax: (62) 3224-8688
sindiareia@sistemafieg.org.br

SINDCEL

Sindicato das Indústrias da Construção, Geração, Transmissão e Distribuição de Energia no Estado de Goiás

Presidente: Célio Eustáquio de Moura
Fone: (62) 3218-5686 / 3218-5696
sindcel@sindcel.com.br

SINDIALF

Sindicato das Indústrias de Alfaiataria e Confeção de Roupas para Homens no Estado de Goiás

Presidente: Daniel Viana

SIAEG

Sindicato das Indústrias de Alimentação no Estado de Goiás

Presidente: Antônio Benedito dos Santos
Fone/Fax: (62) 3224-9226
siaeg@terra.com.br

SINDICALCE

Sindicato das Indústrias de Calçados no Estado de Goiás

Presidente: Elvis Roberson Pinto
Fone/Fax: (62) 3225-6402
sindicalce@sistemafieg.org.br

SINCAL

Sindicato das Indústrias de Calcário, Cal e Derivados no Estado de Goiás, Tocantins e DF

Presidente: José Antônio Vitti
Fone/Fax: (62) 3223-6667
sininceg@sistemafieg.org.br

SINDICARNE

Sindicato das Indústrias de Carnes e Derivados no Estado de Goiás e Tocantins

Presidente: Leandro Luiz Stival Ferreira
Fone/Fax: (62) 3229-1187 e 3212-1521
sindicarn@terra.com.br

SINDCURTUME

Sindicato das Indústrias de Curtumes e Correlatos do Estado de Goiás

Presidente: Emílio Carlos Bittar
Fone/Fax: (62) 3213-4900
sindcurtume@sistemafieg.org.br

SINDIGESSO

Sindicato das Indústrias de Gesso, Decorações, Estuques e Ornatos do Estado de Goiás

Presidente: José Luiz Martin Abuli
Fone: (62) 3224-7443
sindigesso@sistemafieg.org.br

SINDILEITE

Sindicato das Indústrias de Laticínios no Estado de Goiás

Presidente: Alcides Augusto da Fonseca
Fone (62) 3212-1135 / Fax 3212-8885
sinleite@terra.com.br

SIMPLAGO

Sindicato das Indústrias de Material Plástico no Estado de Goiás

Presidente: Bruno Franco Beraldi Coelho
Fone (62) 3224-5405
simplago@sistemafieg.org.br

SINDIPÃO

Sindicato das Indústrias de Panificação e Confeitaria no Estado de Goiás

Presidente: Marcos André Rodrigues de Siqueira
Presidente executivo: Luiz Gonzaga de Almeida
Fone: (62) 98422-4022
sindipao@sistemafieg.org.br

SIMAGRAN

Sindicato das Indústrias de Rochas Ornamentais do Estado de Goiás

Presidente: Eliton Rodrigues Fernandes
Telefone: (62) 98436-1724
simagran@sistemafieg.org.br

SINCAFÉ

Sindicato das Indústrias de Torrefação e Moagem de Café no Estado de Goiás

Presidente: Jaques Jamil Silvério
Fone (62) 3212-7473 - Fax 3212-5249
sincafe@sistemafieg.org.br

SINVEST

Sindicato das Indústrias do Vestuário no Estado de Goiás

Presidente: José Divino Arruda
Fone/Fax: (62) 3225-8933
sinvest@sistemafieg.org.br

SINDIBRITA

Sindicato das Indústrias Extrativas de Pedreiras e Derivados do Estado de GO, TO e DF

Presidente: Marcus Brandão
Fone/Fax: (62) 3213-0778
sindibrita@sistemafieg.org.br

SIEEG-DF

Sindicato das Indústrias Extrativas do Estado de Goiás e do Distrito Federal

Presidente: Domingos Sávio G. Oliveira
Fone: (62) 3212-6092 - Fax 3212-6092
sieeg@sistemafieg.org.br

SIGEGO

Sindicato das Indústrias Gráficas no Estado de Goiás

Presidente: Antônio de Sousa Almeida
Fone: (62) 3223-6515 - Fax 3223-1062
sigego@sistemafieg.org.br

SIMELGO

Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico do Estado de Goiás

Presidente: Hélio Naves
simelgo@sistemafieg.org.br
Fone/Fax: (62) 3224-4462
contato@simelgo.org.br

SINDQUÍMICA-GO

Sindicato das Indústrias Químicas no Estado de Goiás

Presidente: Jair José de Alcântara
Fone (62) 3212-3794/Fax 3225-0074
sindquimica@sistemafieg.org.br

SINDMÓVEIS

Sindicato das Indústrias de Móveis e Artefatos de Madeira no Estado de Goiás

Presidente: Enoque Pimentel do Nascimento
Fone/Fax: (62) 3224-7296
sindmoveis@sistemafieg.org.br

SINDTRIGO

Sindicato dos Moinhos de Trigo da Região Centro-Oeste

Presidente: Sérgio Scodro
Presidente-Executivo: André Lavor P. Barbosa
Fone: (62) 3223-9703
sindtrigo@gmail.com

OUTROS ENDEREÇOS

SIFAÇUCAR

Sindicato da Indústria de Fabricação de Açúcar do Estado de Goiás

Presidente: Marcelo de Freitas Barbosa
Presidente-Executivo: André Luiz Baptista Lins Rocha
Rua C-236, nº 44 - Jardim América
CEP 74290-130 - Goiânia - GO
Fone: (62) 3274-3133 / Fax (62) 3251-1045

SIMESGO

Sindicato da Indústria Metalúrgica, Mecânica e de Material Elétrico do Sudoeste Goiano

Presidente: Heitor de Oliveira Nato Neto
Rua Costa Gomes, nº 143 Jardim Marconal
CEP 75901-550 - Rio Verde - GO
Fone/Fax: (64) 3623-0591
simesgo1@hotmail.com

SINDUSCON-GO

Sindicato das Indústrias da Construção no Estado de Goiás

Presidente: Eduardo Bilemjan Filho
Rua João de Abreu, 427 - St. Oeste
CEP 74120-110 - Goiânia- GO
Fone: (62) 3095-5155
contato@sinduscongoias.com.br

SINROUPAS

Sindicato das Indústrias de Confeções de Roupas em Geral de Goiânia

Presidente: Edilson Borges de Sousa
Rua 1.137, nº 87 - Setor Marista
CEP 74180-160 - Goiânia - GO
Fone/Fax: (62) 3088-0877
sinroupas@yahoo.com.br

SIFAEG

Sindicato das Indústrias de Fabricação de Etanol no Estado de Goiás

Presidente: Marcelo de Freitas Barbosa
Presidente-Executivo: André Luiz Baptista Lins Rocha
Rua C-236, nº 44 - Jardim América
CEP 74290-130 - Goiânia- GO
Fone (62) 3274-3133 e (62) 3251-1045
sifaeg@terra.com.br

SIAGO

Sindicato das Indústrias do Arroz no Estado de Goiás

Presidente: Jerry Alexandre de Oliveira Paula
Rua T-45, nº 60 - Setor Bueno
CEP 74210-160 - Goiânia - GO
Fone/Fax (62) 3251-3691
siagoarroz@hotmail.com

SEDE ANÁPOLIS

Edifício Capitão Waldyr O'Dwyer

Rua JM-16, Quadra 52, Lote 22, Setor Sul Jamil Miguel - Anápolis-GO - CEP 75124-200
Fone/Fax (62) 3324-5768 / 3311-5565
E-mail: fieg.regional@sistemafieg.org.br

FIEG REGIONAL ANÁPOLIS

Presidente: Wilson de Oliveira

SINDALIMENTOS

Sindicato das Indústrias da Alimentação de Anápolis

Presidente: Wilson de Oliveira
sindalimentos@sistemafieg.org.br

SINDUSCON ANÁPOLIS

Sindicato das Indústrias da Construção e do Mobiliário de Anápolis

Presidente: Anastácios Apostolos Dagios
www.sindusconanapolisgo.com.br

SINDICER-GO

Sindicato das Indústrias de Cerâmica no Estado de Goiás

Presidente: Laerte Simão
sindicergo@sistemafieg.org.br

SIVA

Sindicato das Indústrias do Vestuário de Anápolis

Presidente: Jair Rizzi
siva@sistemafieg.org.br

SINDIFARGO

Sindicato das Indústrias Farmacêuticas no Estado de Goiás

Presidente: Alexandre Baldy
Presidente-Executivo: Marçal Henrique Soares
sindifargo@sistemafieg.org.br

SIMMEA

Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de Anápolis

Presidente: Robson Peixoto Braga
simmea@sistemafieg.org.br

Senhor empresário: A FIEG é integrada por 36 sindicatos da indústria, com sede em Goiânia, Anápolis e Rio Verde. Conheça a entidade representativa de seu setor produtivo. Participe. Você só tem a ganhar.

SESI **viva+**

MAIS INTELIGÊNCIA.
MAIS SAÚDE.
MAIS RESULTADOS.

**CONTE COM UMA
PLATAFORMA COMPLETA
EM GESTÃO DE SST.**

Problemas relacionados à Saúde e Segurança no Trabalho trazem muitas despesas para a indústria. Diante disso, o SESI criou uma plataforma digital para a gestão de programas e serviços voltados para a saúde e segurança na indústria: o **SESI Viva+**. É a solução completa para sua empresa reduzir gastos com despesas legais e aumentar o rendimento da equipe. Tudo isso de maneira totalmente integrada com as novas regras do **eSocial**.

Conheça o **SESI Viva+**. A plataforma de que sua empresa precisa para reduzir os custos e aumentar os resultados.

SAIBA MAIS EM:

 sesivivamais.com.br
 0800 0713010
(62) 3219-1335



SEU ANÚNCIO EM LARGA ESCALA



4 MIL
exemplares impressos



Milhares de visualizações on-line e
compartilhamento em redes sociais.



ANUNCIE NA **GOIÁS INDUSTRIAL.**

Precisão cirúrgica na segmentação. Credibilidade máxima na comunicação.

INFORMAÇÕES **3219-1710**

Revista Goiás Industrial.

A fonte mais confiável de informação sobre a indústria.



MANTIDO PELA INDÚSTRIA.